

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Andressa Schneider

Divino 2.0
Deidades reconfiguradas em rede

Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital

SÃO PAULO
2022

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Andressa Schneider

Divino 2.0
Deidades reconfiguradas em rede

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para a obtenção do título de MESTRE em Tecnologias da Inteligência e Design Digital

São Paulo
2022

Banca Examinadora

Aprovado em: _____

Agradecimentos

Aos mestres, com carinho.

Ao meu orientador, Dr. Hermes Renato Hildebrand, que além das incansáveis horas conversando ou tentando me explicar conceitos de primeiridade com exemplos matemáticos, tem até nome de semideus, o que deve ser um bônus nesse trabalho sobre deidades.

Aos meus professores da PUC-SP, em especial á Dra. Maria Lucia Santaella, que nem deve saber disso, mas, a possibilidade de ser aluna dela fez com que eu me aventurasse em um Mestrado no TIDD.

Aos professores que disponibilizaram tempo para participar da minha qualificação, banca, ensinar ou tirar dúvidas durante todo o meu processo de formação – e foram muitas dúvidas.

E por fim, a minha mãe, Dra. Maria Cristina Schefer, maior torcedora e incentivadora da minha caminhada acadêmica.

“Há mais **coisas entre o céu** e na **terra**
do que sonha a nossa vã filosofia.”

William Shakespeare (1592 – 1616)

Resumo

O presente trabalho tem como **objetivo geral** compreender, a partir do livro de ficção *Deuses Americanos*, em que medida a Internet e as mídias sociais podem ter se tornado a reconfiguração de deidades do passado, relacionando elementos textuais, signos, símbolos que caracterizam as deidades de *Deuses Americanos* em práticas virtuais contemporâneas. O que **justifica** esse estudo são pesquisas revisitadas que acenaram para a necessidade de repensarmos em como as redes operam e em como se assemelham com deidades adormecidas no inconsciente. O projeto se inicia com a abordagem teórica e **revisão dos estudos anteriores relacionados ao tema proposto**, teve foco delimitando temas relacionados às mídias sociais a internet e o efeito no comportamento das pessoas, tendo os últimos 10 anos como limitador temporal. Seguido da apresentação do autor da obra e do resumo dela para o leitor. Na sequência, com base nos estudos teóricos iniciais, teremos a apresentação das possíveis formas de reclassificação das deidades nos conceitos de analogia, igualdade e semelhança. No nosso capítulo final, faremos a relação dos deuses e mídias sociais.

Palavras-chave: mídias sociais, redes sociais, deidades, mitologia, literatura, religião.

Abstract

The present work has as general objective to understand, from the fiction book *American Gods* to what extent the Internet and social media may have become the reconfiguration of deities of the past, relating textual elements, signs, symbols that characterize the deities of *American Gods* in contemporary virtual practices. What justifies this study are revisited research that pointed to the need to rethink how networks operate and how they resemble deities sleeping in the unconscious. The project begins with the theoretical approach and review of previous studies related to the proposed theme, focused on delimiting themes related to social media, the internet and the effect on people's behavior, having the last 10 years as a time limit. Followed by the presentation of the author of the work and its summary for the reader. Next, based on the initial theoretical studies, we will present the possible ways of reclassifying the deities in the concepts of analogy, equality and similarity. In our final chapter, we will make the relationship between gods and social media.

Keywords: social media, social networks, deities, mythology, literature, religion.

Lista de figuras

Figura 1: Composição de diálogo com fãs em relação à Pandemia.....	42
Figura 2: Composição de conversa sobre o escurecimento do Sandman.....	43
Figura 3: Odin em seu cavalo Sleipir.....	61
Figura 4: Ilustração de Odin.....	64
Figura 5: Anúbis realizando o ritual da balança.....	67
Figura 6: Anúbis e o ritual de passagem na série American Gods.....	67
Figura 7: A Rainha de Sabá ilustrada no <i>Speculum Humanae Salvationis</i> em 1430.....	73
Figura 8: Rainha Sabá.....	73
Figura 9: Imagem da pasta "Tumblr Girl Aesthetic".....	76
Figura 10: Ostara em uma reportagem sobre a "Origem da Páscoa" em 1903.....	78
Figura 11: Oferenda para Ostara.....	78
Figura 12: O equilíbrio representado por Czernobog e o irmão Belobog, na mitologia Eslava.....	82
Figura 13: Czernobog nas histórias em quadrinhos da Marvel.....	82
Figura 14: Anansi representado em um livro infantil.....	87
Figura 15: livro complementar à saga Deuses Americanos de Neil Gaiman.....	87

Lista de quadros

Quadro 1: Estudos sobre as redes sociais e o comportamento.....	15
Quadro 2: Estudos com a temática da Mitologia Nórdica.....	21

Sumário

Título	Erro! Indicador não definido.
Introdução	11
Questão da pesquisa	14
Estado da arte.....	14
Justificativa.....	28
Objetivos	29
Hipóteses	29
Fundamentação Teórica	29
CAPÍTULO 1: DEIDADES E REDES SOCIAIS	39
1.1 O autor	39
1.2 A obra	43
1.3 Índices, ícones e símbolos.....	46
1.4 O FUNDAMENTO	50
1.5 O OBJETO.....	50
1.6 O OBJETO IMEDIATO	51
1.7 O OBJETO DINÂMICO.....	51
1.8 O INTERPRETANTE	52
1.9 O INTERPRETANTE IMEDIATO.....	52
1.10 O INTERPRETANTE DINÂMICO	53
1.11 O INTERPRETANTE FINAL OU EM SI.....	54
1.12 IGUALDADE, SEMELHANÇA E ANALOGIA	54
1.13 A AVALIAÇÃO POR IGUALDADE	54
1.14 A AVALIAÇÃO POR SEMELHANÇA	55
1.15 A AVALIAÇÃO POR ANALOGIA.....	56
CAPÍTULO 2: ODIN E A WEB	57
2.1 Os Deuses, as mídias e as semelhanças	57
2.2 Odin e a Web.....	58
2.3 Anúbis e o Twitter	62
2.4 A Rainha de Sabá e o Tinder	68
2.5 Easter ou Ostara e o Instagram	75
2.6 Czernobog e os Trolls	80
2.7 Anansi e o Whatsapp	85
CAPÍTULO 3: O FIM?	89
3.1 Método da pesquisa.....	89
3.2 Considerações finais.....	90
3.3 O mural dos deuses e redes	90
3.4 Referências bibliográficas	92

Introdução

Deuses novos estão ganhando força nos Estados Unidos, agarrando-se a focos crescentes de fé: Deuses do cartão de crédito e da rodovia, da internet e do telefone, do rádio, do hospital e da televisão, deuses do plástico e do bipe e do neon. **Deuses orgulhosos, criaturas gordas e estúpidas, envaidecidas** com a própria novidade e importância (GAIMAN, 2016, p. 140, grifo nosso).

Quando Gaiman (2016), autor de “Deuses Americanos”, escreveu o trecho acima, apontou para a permanência do “Paradigma das Deidades” nos tempos atuais para o (re)ssurgimento das velhas disputas, reeditadas em uma nova roupagem cultural. O autor anuncia um possível levante dos deuses em meio à percepção da necessidade de impedir que o novo mundo e sem virtudes, sob controle estadunidense, se sobreponha ao velho mundo, supostamente íntegro e justo. O autor Gaiman (2016), em outros termos, evidencia a permanência de disputas por poder acompanhando a história da humanidade, em que a ira de uns recai sobre outros. Além disso, o autor também reflete sobre o fato de que o “povo contemporâneo”, apesar de todos os avanços tecnológicos, não conseguiu superar a crença num mundo paralelo, lugar dos justos, pelo qual os meros mortais devem nutrir sentimentos de pertença e fazer sacrifícios.

Diante disso, é importante frisar que o sentimento de pertença é garantido pela identificação, conforme Hall (2006) teorizou. Desse modo, é no mundo real que os viventes optam pelo que é prometido ou ideologicamente apresentado pelas deidades. Elas sobrevivem quando há devoção terrena e pelo maior número possível de adoradores ou seguidores. Como mostra a Psicanálise e, a partir de Young (2002), o inconsciente é povoado por velhos arquétipos, signos e símbolos, que definem boa parte das ações humanas e transitam no inconsciente coletivo. Entretanto, ao mesmo tempo que esse imaginário orienta o consciente, a vontade de superação de velhas estruturas e da instituição de novas ordens sempre mobilizaram as pessoas.

Por outro lado, a ideia de poder supremo dos deuses, do divino e dos governantes têm servido para aliviar os “homens de bem” ao longo da história da humanidade de qualquer sentimento de culpa em relação aos infortúnios alheios. Afinal, quando a sorte do outro é decretada pelo intocável, pelo imaterial ou pelo virtual, os protegidos, os bem-aventurados e os bem-nascidos podem dormir

tranquilos, já que não lhes cabe confrontar o destino de um infeliz traçado em outras dimensões superiores.

A Racionalidade Científica, no último século, inovou na ideia de mundo paralelo quando institui o Ciberespaço, onde Yggdrasil (a árvore da mitologia nórdica, que garante a unidade no mundo) já não se apresenta com troncos fortes, de estrutura definida, tais como raiz, tronco, copa, mas, sim, como um emaranhado de redes tênues, rizoma, que se modificam conforme a ordem do consumo. Nesse sentido, a ideia desenvolvida por Hall (2006), em que a sociedade atual exige que as pessoas assumam múltiplas identidades, afeta também os deuses e as religiões. Ou seja, até os deuses brotam de Yggdrasil com os dias contados, podendo durar tanto 9 dias como 9 meses, ou 9 anos, até que um novo divino se apresenta e provoque sensações inéditas, atraindo para uma nova pertença identitária.

Neste empreendimento investigativo de Peirce-deleuzeano, assumimos a percepção de “Deuses Americanos” enquanto manuscrito insurgente, pode-se inferir dele que as deidades do passado, que viveram entre o céu e a terra, não morreram, e, sim, se reinventaram no espaço virtual. Elas vivem à mercê ora de ônus, ora de bônus de Odin. Ele, como ser hiper supremo, mantém-se dono do paraíso. Mas em um novo formato, um formato Divino 2.0. A internet, que ora ama ora odeia os seus discípulos, espalhados pelas mídias sociais.

Esse fenômeno transformador ou atualizador, justifica-se pelo ‘devir’, em que o mortal (vivente em Midgard) sob a mira da Internet, também foi recriado, e curva-se, mesmo que “de meio corpo”, em frente ao Divino 2.0. O novo “aparelho de ligação” com o supremo pode estar na mesa de escritório, no quarto, na sala, “na mão do crente” que tecla e tecla. Muitos são os caminhos que levam (ao paraíso Asgard) ao Divido 2.0, a interceptação, via Redes Sociais (a ponte Bitfrost, que estabelece a ligação entre o mundo dos deuses e dos mortais na mitologia nórdica).

Num misto de simbioses deleuzianas, o mortal navega na rede, a partir de seus próprios investimentos, entra e sai do espaço virtual com o “corpo revigorado” com a mente cheia, sem se quer causar qualquer prejuízo, “feito o nadador na água”. Por outro lado, busca o que precisa e ao fazê-lo mantém ora uma Rede Social ora outra em alta aos olhos do Pai, “feito a abelha que ao buscar néctar polemiza a orquídea”, porém, sem que essa interdependência se torne fundamental à existência, de ambos: Rede Social – seguidores. Até porque, a natureza é sábia e se uma abelha não pousar

na flor, o Divino 2.0 pode provocar uma ventania, e garantir a sobrevivência de seus protegidos.

Ao mesmo tempo, é preciso entender tanto os cenários quanto os personagens e eventos enquanto símbolos e signos repaginados em Deuses Americanos, a partir da plasticidade proposta pela semiótica peirceana, para Peirce (1998, p. 208),

[u]m símbolo é essencialmente um objeto, quer dizer, é uma representação que procura tornar-se a si mesma mais definitiva, ou que procura produzir um interpretante mais definido que ela própria. Na verdade, a totalidade da sua significação consiste em ela determinar um interpretante; de forma que é do seu interpretante que ela deriva a atualidade da sua significação.

Na mesma linha de pensamento, Peirce (2000, p. 177), esclarece que, “[...] um Signo tem um Objeto e um Interpretante, sendo o último aquilo que o Signo produz na Quase-Mente, que é o Intérprete, ao atribuir este mesmo último a um sentir, a um esforço ou a um Signo, atribuição esta que é o Interpretante”. Situar na Globosfera, a origem da Internet, das Redes Sociais e seus usuários, que aqui apresentamos enquanto deidades do passado reconfiguradas, permite identificar que comportamentos que estão sendo valorizados, bem como, de onde saem as “oferendas” que mantém os templos. Como “brinca” Gaiman (2016), sofre menos, quem tiver a “moedinha”.

No texto, ponto de partida deste estudo, Gaiman (2016) questiona a ideia de certo e errado, a lógica da razão, as boas intenções da Ciência, que instituiu, meio que logrando os viventes contemporâneos, novas deidades. Ele salienta a natureza predatória do humano, que continua a justificar atos insanos, em nome de uma lei “divina”, “apedrejando e matando” os perfis indesejados. Além disso, o autor mostra também que a sociedade (seja no velho ou no novo mundo) não permite o justo, já que este (o justo) e injusto não podem dividir o mesmo espaço ao mesmo tempo. Nesta perspectiva, o autor ratifica que, se o ser humano é corrompível, a capacidade de fazer justiça vem a ser uma virtude sobre-humana, daí que controlar a ira dos seguidores é a missão atual do Divino 2.0, mesmo caolho, Ele precisa agradar a todos fiéis e infiéis.

Por isso, essa reconfiguração de deidades, não foi um acaso, mas uma necessidade que será constante, bem como a crença na existência de um paraíso, ou de narrativas que enfeitem o roteiro bruto: nascer, crescer, morrer. O autor é sutil ao desvelar que os deuses não estão nem aí para os mortais, que foram renascidos

nos estadunidenses que, acima de tudo, querem ser ovacionados e consumir os tempos alheios para se revigorarem, não importando-se com o flagelo dos corpos em pausa que miram as telas e que teclam likes.

Já é possível anunciar, a partir de estudos exploratórios, que deuses reconfigurados continuam ultrapassando limites “procriando” semideuses revoltados, obstinados por matar o pai, a mãe, vingar uma desonra familiar, deixar o status de ilegítimo, entre outros traumas secularmente narrados.

Odin, foi reconfigurado por Gaiman como um fanfarrão, acostumado com o luxo, que trocou o hidromel pelo whisky. Ele, a partir de sua astúcia habitual, e prevendo uma mudança na ordem das coisas, aparece em Deuses Americanos feito astro de cinema, do tipo sessentão em Botox, eterno protagonista. Mas como a guerra também é parte do *modus vivendi* das deidades, no banquete de Odin, entre os filhos amados: Facebook, WhatsApp, Tinder, Twitter, Instagram, pode estar no pivô da atual batalha contemporânea, um “penetra” roubando a cena, o bastardo: TikTok. Resta saber por quem dobrarão os sinos, visto que o tesouro-tempo é de quem o controla; Tik Tok Tik Tok.

Questão da pesquisa

Esse estudo se propõe a identificar elementos, a partir de Deuses Americanos, que evidenciem que as redes sociais possam ser templos contemporâneos reconfigurados. Como poderia a internet, por exemplo, ser o paraíso Odin ou de Odin?

Estado da arte

Com o objetivo de reunir estudos sobre a intencionalidade das redes sociais em monitoramento e controle comportamental dos usuários, bem como se há pesquisas associando o virtual contemporâneo às deidades, realizamos buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), bem como em conteúdos referenciados em aula e durante as orientações para a construção dessa dissertação. Divididas em dois momentos, no primeiro, optamos por estudos em que o recorte foram as redes sociais, a internet e o efeito no comportamento das pessoas, tendo os últimos 10 anos como limitador temporal, priorizando 11 estudos atualizados. No primeiro momento, selecionamos para a leitura e reflexão seis artigos a partir dos descritores ‘**redes sociais, mídias sociais, relacionamentos, tecnologias**’ como mostra o Quadro 1.

Quadro 1- Estudos sobre as redes sociais e o comportamento

Título	Tipo	Palavras-chave	Ano
Refletindo sobre as redes sociais	Artigo publicado na Revista Educação e Sociedade. Campinas- SP.	Redes sociais digitais; Pesquisa bibliográfica; Promoção da saúde; Jovens.	2014
Os jovens e as redes sociais virtuais	Artigo publicado na Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João del Rei-MG.	Jovens. Cartografia. Redes sociais virtuais. Relacionamentos. Subjetividade.	2017
A relação das mídias sociais na construção da autoimagem na contemporaneidade	Artigo publicado na Revista Akrópolis, Umuarama- PR.	Autoimagem; Contemporaneidade; Mídias sociais.	2017
Impacto do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão de sistemática de literatura.	Artigo publicado na Revista Educação, Psicologia e Interfaces- Campo Grande.MS.	Adolescentes; Dependência; Depressão; Psicologia; Tecnologia.	2019
Redes Sociais Virtuais: percepção, finalidade e a influência no comportamento dos acadêmicos	Artigo publicado na Brazilian <i>Journal of Development</i> , Curitiba- PR.	Redes sociais; Redes sociais virtuais; Síndromes das redes sociais; Influência das redes sociais; Mídias sociais.	2020
The Onlife Manifesto: Being Human in a	Manifesto publicado pela editora Springer	Hiperconexão; Onlife; Tecnologia;	2015

Hyperconnecterd Era	Open em novembro de 2015.	Realidade e Virtualidade.	
---------------------	---------------------------	---------------------------	--

(Fonte: os autores/ 2020-2021)

No artigo “*Refletindo sobre as redes sociais*”, publicado na revista Educação e Sociedade, da Unicamp-SP, a autora Sônia Cristina Vermelho *et al.* a partir do grupo de pesquisa Ciência, Tecnologia e Sociabilidade do Centro de Ensino Superior de Maringá (Cesumar) – PR, apresenta um estudo bibliográfico sobre a relação saúde e redes sociais. Trata-se de uma reflexão a partir da área da Psicologia, com as especificidades que seguem:

o grupo de pesquisa propôs uma linha de atuação voltada para a criação de estratégias educacionais e comunicacionais para o público jovem. Fomos estimulados a atuar com essa parcela da população pela ampla discussão acerca das transformações relacionadas à crescente modernização e urbanização, as quais estão associadas a mudanças no estilo de vida que favorecem o desenvolvimento das doenças crônicas não transmissíveis. O público jovem, em particular os adolescentes, é um dos mais vulneráveis em função dos apelos mercadológicos, especialmente, para o consumo de produtos comestíveis industrializados que são largamente ofertados em todos os espaços coletivos (grifo nosso, VERMELHO et al., 2014, p. 1981).

As pesquisadoras ressaltaram que o foco daquela pesquisa seria a disseminação de uma cultura alimentar “enlatada” via redes sociais, justificando o objeto de análise nos seguintes termos: “as tecnologias de comunicação em rede podem ser uma ferramenta eficiente para promover a comunicação, pois se constituem na ferramenta mais poderosa de circulação de informação da contemporaneidade” (VERMELHO et al., 2014, p. 1982).

O fato desse estudo ter sido realizado há sete anos evidencia que a preocupação com a “educação informal”, via redes sociais, não é recente. Academicamente já têm sido reunidas evidências de que o espaço virtual não está comprometido com a saúde mental e com a saúde física de usuários. Na conclusão, as autoras fazem o seguinte alerta,

é importante considerar que há uma séria demanda pela organização de processos de comunicação que estejam em sintonia com as novas perspectivas de rede. É necessário identificar efetivamente o que precisa ser dito e rever como o conteúdo deve ser veiculado ou disponibilizado nas redes sociais digitais, criando regras que garantam a possibilidade de identificar oportunidades e oferecer os conteúdos que se quer, no nosso caso, para

promover a saúde. Isso quer dizer que é preciso inovar nos processos a partir de investimentos em pesquisas sobre novas estratégias comunicacionais e educacionais (VERMELHO et al., 2014, p. 1992).

Em outros termos, Vermelho et al. (2014) ponderam sobre o papel educativo das redes sociais, entendem que tratam-se de escolas sem regimentos visíveis para os que nela adentram, mas, que têm se mostrado eficazes naquilo que ensinam. No artigo “*Os jovens e as redes sociais virtuais*”, publicado na *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais* (2017), de Cristina Bordignon, a pesquisadora teve como campo empírico jovens de São Lourenço do Oeste (SC), cujo estudo tratou-se de uma cartografia, guiada por Kastrup (2010), para “conhecer as vantagens e as desvantagens que os jovens pesquisados atribuem à adesão às redes sociais virtuais” (BORDIGNON, 2017, p. 310). A partir do conceito de subjetividade, de Guattari (1992) e de Amor Líquido de Bauman (2004), é que o comportamento dos jovens nas redes sociais foi sendo analisado. Nesse sentido, o estudo foi desvelando que,

[...] passa a ser enorme a influência da informática, da internet e dos demais meios de virtualização da realidade na sociabilidade dos jovens. Exige-se dos jovens que sejam metamorfoses ambulantes desassossegadas em busca do novo, capazes de estabelecer em sua vida vínculos temporários, efêmeros e de explorar novos territórios. Para tal, muito contribuem as redes de informação e as redes sociais virtuais (grifo nosso, BORDIGNON, 2017, p. 318).

Em suma, a autora, acena para o fato de que houve a cooptação em massa dos jovens para que eles assumissem a condição de usuários e, com isso, garantir a expansão tanto das redes sociais quanto das ideias que elas disseminam. Desse modo, os jovens ganharam novas identidades em meio à identificação com questões que não conseguem compreender. Mas essa é a ordem no mundo virtual, seguir o fluxo, em meio a relações pessoais fluídas.

A autora, similar ao estudo anterior, em termos próprios, alerta para a necessidade de se estar atento àquilo que as redes oferecem; Pois estas são uma moeda em sua dualidade facial, podendo prejudicar os usuários desavisados. Ela conclui o artigo dizendo que,

[...] essas redes estimulam os jovens a exporem sua vida por meio de vídeos, imagens, mensagens e depoimentos pessoais, exteriorizando, portanto, suas subjetividades. Com isso, há a possibilidade de encontrar afinidades e/ou se identificar com outras pessoas, mediante suas publicações. Também se observou que as plataformas digitais estimulam os jovens a fazerem

várias coisas ao mesmo tempo, com rapidez, não permitindo que foquem sua atenção em alguma tarefa específica (BORDIGNON, 2017, p. 324).

De fato, fazer muitas tarefas ao mesmo tempo impede que se aja de forma reflexiva e, por isso, atritos ou mal-entendidos a partir das redes sociais se tornaram corriqueiros. Além disso, ressaltamos aquilo que um dos participantes dessa investigação, realizada numa pequena cidade do Sul do Brasil, disse à Bordignon (2017, p. 324), “não se tem mais novidades para conversar com pessoas que moram longe quando se encontram, já que por meio das redes sociais virtuais sabem sobre tudo que acontece com cada conhecido”. Desse modo, o jovem informou que o encontro virtual tem substituído e até impedido os encontros presenciais, tornando superficiais as relações entre as pessoas.

No artigo “A relação das mídias sociais na construção da autoimagem na contemporaneidade”, publicado na Revista Akrópolis (2017), Souza *et al.* apresentou um estudo bibliográfico pautado na perspectiva fenomenológica existencial, na qual reúne uma série de autores sartreanos e apostam no entendimento da liquidez baumaniana para conduzir as reflexões. O texto reúne uma série de alertas para a fragilidades das redes sociais e a ameaça que as pessoas estão expostas a cada acesso, esse,

[...] poder das mídias sociais requer também atenção, pois traz consigo alguns perigos. O Cyberbullying, ou assédio virtual, é um movimento fortemente encontrado nas redes sociais. Por meio de perfis “fakes” ou falsos, os internautas se sentem mais à vontade para praticar atos de racismo, xenofobia, homofobia, ou seja, ações preconceituosas (grifo nosso, SOUZA *et al.*, 2017, p. 122).

As autoras acenam para as mídias sociais como produtoras de sofrimentos, visto que as pessoas passam a narrar nelas vidas distantes das que podem ser vividas, em síntese:

[...] nas mídias sociais, o indivíduo acaba encontrando perfis de imagens idealizadas, que não são reais, e que são impossíveis de serem alcançadas, o que pode levá-lo ao sofrimento, pois ele pode criar, idealizar uma imagem de si impossível de ser atingida, muito distante de sua imagem real, do que ele é, o que o leva a um sentimento de frustração por não conseguir ser tão perfeito como os outros, e como ele próprio se imagina (SOUZA, *et al.*, 2017, p. 126).

Esse projeto já “divulgado” nas redes sociais, impede que as relações verdadeiras tenham continuidade ou iniciem. No fechamento do texto, as

pesquisadoras convidam a comunidade acadêmica a investir em outros estudos da temática mídias sociais, no entendimento que elas vieram para ficar e, desse modo, necessitam de atenção acadêmica e social.

No artigo “Impacto do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão de sistemática de literatura”, publicado na Revista Educação, Psicologia e Interfaces (2019), Karlla Souza e Mônica Ximenes Carneiro da Cunha, numa Revisão Sistemática de Literatura (RSL) analisaram “a relação entre casos de depressão e o frequente uso de aparelhos eletrônicos, internet e jogos etc” (SOUZA e CUNHA, 2019, p. 2016).

Desse modo, similar aos estudos anteriores, ponderam sobre o uso excessivo pelos adolescentes de aparelhos eletrônicos, o acesso desmedido às redes sociais e dentro desses os jogos eletrônicos. A partir dos dados levantados uma série de riscos acerca dessa vida em redes sociais foram evidenciados, a saber:

os riscos apontados variaram entre taquicardia, alterações na respiração, tendinites e mudanças posturais (que são mais facilmente detectados), qualidade das relações familiares prejudicada, *Cybersickness* (náusea digital), **vulnerabilidade afetiva, distúrbios alimentares, sedentarismo e obesidade**, síndrome do toque fantasma (sensação de que o celular está tocando, sem que ele realmente esteja), narcisismo (preocupação completa com a própria imagem), distúrbios de personalidade, mudanças na auto-estima, **distúrbios de concentração/acadêmicos**, transtornos de ansiedade, fobia e isolamento social, dependências e vícios, crimes virtuais, *grooming* (assédio ou abuso sexual via mídias sociais de internet), **distúrbios do sono, cyberbullying e selfie-cyberbullying, e por fim, depressão e suicídio** (grifo nosso, SOUZA & CUNHA, 2019, p. 213).

Diante dos dados apresentados nesse estudo, por Souza e Cunha, verificamos que o descontrole no acesso de aparelhos eletrônicos aos menores de idade está se tornando um problema de saúde pública, o qual precisará ser enfrentado preventivamente para evitar o aumento das doenças psicossomáticas que estão ceifando vidas.

No artigo “Redes Sociais Virtuais: percepção, finalidade e a influência no comportamento dos acadêmicos”, publicado no *Brazilian Journal of Development* (2020), Maria do Socorro Corrêa da Cruz apresenta um “estudo de caso descritivo com acadêmicos de Direito da Faculdade do Maranhão trata sobre a influência, as finalidades das redes sociais e as novas síndromes causadas pelo uso excessivo das mídias” (CRUZ, 2020, p. 12.433). Para a autora,

[...] com a evolução dos equipamentos de informática e de comunicação, e a disseminação dessas redes, o cotidiano dos estudantes vem se transformando cada vez mais, já que o uso de computadores, *tablet's* e *smartphones* se faz presente no ambiente acadêmico. Esse uso de tecnologias digitais tem levado à maior utilização das redes sociais virtuais (CRUZ, 2020, p. 12.434).

A autora não demoniza as redes sociais, contudo, pede cautela, principalmente, diante do fato que a maioria dos participantes admitiu ser ativos diuturnamente em canais como o Facebook e o Instagram evidenciando certa naturalização dos acadêmicos. Nesse sentido, mesmo alguns tenham apontado efeitos positivos como interações ultrapassando fronteiras geográficas, “ressalta-se seu lado positivo quando as redes usadas com moderação” (CRUZ, 2020, p.12.443). Até porque, “alguns se apresentam ansiosos quando não as utilizam e acreditam que são dependentes das redes sociais virtuais” (IBIDEM). Ou seja, evidenciando o transtorno de comportamento. No curso pesquisado, essas redes não têm sido utilizadas enquanto suporte de ensino, porém, é fato que as redes estão juntas aos participantes.

O nosso último estudo desse bloco, “*The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnecterd Era*”, publicado pela editora SpringerOper em 2015, traz pesquisas e discussões desenvolvidas no projeto *Online Initiative*, de um grupo de pesquisadores liderados pelo professor Dr. Luciano Floridi. Trata-se de uma reflexão a partir do conceito *onlife*, criado por Floridi, que refere-se a uma realidade hiperconectada, na qual não existe distinção de on-line e off-line.

Para o grupo de autores, através das tecnologias da informação e comunicação (TICs) a sociedade é afetada radicalmente, alterando nossa condição humana e percepções. No manifesto, as tecnologias da informação e comunicação deixam de ser ferramentas e passam a ser forças ambientais, que afetam esferas como: auto concepção, interações mútuas, concepção da realidade e interações com a realidade. Em outros termos, rompeu-se o binarismo entre realidade e virtualidade, a distinção humano, máquina e natureza, a partir da mudança da escassez de informações para a abundância de informações. Enfim, ocorreu a mudança nas propriedades individuais binárias para a primazia das interações, processos e redes, nas palavras dos autores

Nós **apreendemos a realidade por meio de conceitos**, então, quando a realidade muda muito rápido e dramaticamente, como está acontecendo hoje por causa das TICs, **estamos conceitualmente errados**. É uma impressão generalizada que nossa caixa de ferramentas conceituais atual não está mais preparada para enfrentar os novos desafios relacionados às TIC. Este não é apenas um problema em si. Também é um risco, porque a falta de uma compreensão conceitual clara de nosso tempo presente pode facilmente levar a projeções negativas sobre o futuro: tememos e rejeitamos o que deixamos de semanticizar. (grifos nossos, FLORIDI et al., 2015, p. 3)¹.

Esses seis artigos de um jeito ou de outro trataram das redes sociais como produtoras de vícios e doenças nos usuários. Já na segunda parte desta revisão, apresentamos quatro estudos sobre a mitologia nórdica e três deles tem o livro *Deuses Americanos* como pano de fundo, conforme a organização no Quadro 2:

Esses seis artigos de um jeito ou de outro trataram das redes sociais como produtoras de vícios e doenças nos usuários. Já na segunda parte desta revisão, apresentamos quatro estudos sobre a mitologia nórdica e três deles tem o livro *Deuses Americanos* como pano de fundo, conforme a organização no Quadro 2:

Quadro 2 – Estudos com a temática da Mitologia Nórdica

Título	Tipo	Palavras-chave	Ano
Uma breve historiografia dos estudos brasileiros de religião nórdica medieval	Artigo publicado na Revista Horizonte – Belo Horizonte/ MG.	Religião Nórdica; Escandinávia Medieval; Mito e Rito	2016
A sacralização da Ciência em Deuses Americanos, de Neil Gaiman	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara-SP.	Deuses Americanos; Ficção Científica; Mito; Neil Gaiman; Sacralização.	2016
O simulacro de Asgard: uma análise	Dissertação de Mestrado de	YouTube; romance;	2019

¹ Livre tradução da autora.

sobre o fenômeno cultural dos youtubers e o romance <i>Deuses Americanos</i> de Neil Gaiman	Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE-SC.	ciberespaço; cultura; simulacros.	
Fissuras cotidianas: o entrelugar da experiência, do mito e do espaço em <i>Deuses americanos</i> , de Neil Gaiman	Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia -MG.	Deuses Americanos; Ficção Científica; Mito; Neil Gaiman; Sacralização.	2020

Fonte: organização dos autores /2020-2021

No artigo “Uma breve historiografia dos estudos brasileiros de religião nórdica medieval”, publicado em 2016, na Revista Horizontes, o historiador Johnni Langer, num exercício de revisão bibliográfica, traçou a linha cronológica dos estudos sobre a mitologia nórdica no Brasil. O estudo focou nos “anos de 1959 até 2015 e diz respeito a livros, artigos, resenhas, entrevistas, eventos e pesquisas de pós graduação” (LANGER, 2016, p. 909).

Langer salientou que em seu estudo o termo nórdico “é definido enquanto relacionado ao espaço geográfico escandinavo, incluindo a Suécia, Dinamarca, Noruega e Islândia” (LANGER, 2016, p. 910), bem como, demarcado temporalmente nos “períodos da Antiguidade Tardia e Alta idade Média, cobrindo o período politeísta até a conversão ao cristianismo e o fim do medievo” (IBDEM).

Como eixo condutor da pesquisa, Langer (2016) teve a História Cultural das religiões, ele verificou que durante o século XIX pouquíssimos estudos ligados à religiosidade nórdica foram desenvolvidos no Brasil, sendo que é de 1959 a primeira publicação sobre a temática, uma tese de Livre-Docência, intitulada: *Deuses e heróis na Edda Poética e na tetralogia de Wagner*, de Sonia Heinrich de Mattos, apresentada na Universidade de São Paulo (USP). A autora analisou a presença dos mitos nórdicos no romantismo alemão, sem fazer menção à origem escandinava desses mitos, ela evidenciou a presença deles no ideário do nacionalismo alemão. Desse

modo, ela acenou para a influência das deidades na constituição da identidade heroica alemã.

Conforme refletiu Langer (2016), esse estudo de Mattos não teve muita repercussão na academia e somente na década de 1990, que se deu “o período de transição e onde temos as raízes da moderna Escandinavística brasileira” (LANGER, 2016, p. 914). Visto que, a partir de 1990 aumentou no Brasil o número de “especialistas em estudos medievais, laboratórios e centros de pesquisas e os títulos traduzidos” (IBIDEM).

Pensando no Brasil daquele período, não há como não associarmos o interstício ao final da ditadura militar, entendendo a Mitologia Nórdica, a religiosidade nela enquanto fenômeno cultural que pode “rebelar” ao levar tanto ao questionamento sobre uma única perspectiva divina quanto sobre a idoneidade de “salvadores de almas”.

Voltando a Langer e sua linha cronológica dos estudos nórdicos no país, o autor sublinhou o ano de 2003, com a organização da revista *Brathair de Estudos Celtas e Germânicos*, como marco divisor das “primeiras publicações envolvendo diretamente temas e estudos de fontes medievais sobre religiosidade nórdica (LANGER, 2016, p. 916). Nesse periódico foram publicados 36 artigos sobre a temática entre 2003 e 2011, e Langer destacou um estudo paradigmático intitulado *Aspectos da cosmogonia e da cosmografia escandinavas* (2006), do falecido historiador *Ciro Flamarion Cardoso* (UFF). Conhecido pelas suas publicações em *Teoria da História e Egiptologia*” (LANGER, 2016, p. 918)

Na sequência, Langer cita dois eventos significativos e que reafirmaram o interesse acadêmico na mitologia nórdica no Brasil, como o “I Colóquio de Estudos Celtas e Germânicos: Religiosidade e interpretativo, ocorrido na UFF em 2007. Com a participação de alunos e professores envolvidos com os estudos nórdicos” (LANGER, 2016, p. 919); e três anos depois foi realizado o “III Simpósio Internacional de Estudos Celtas e Germânicos: Mitologia e Religiosidade, ocorrido na UFMA” (LANGER, 2016, p. 920).

Entretanto, como espaço legitimador dessa construção de linha de Langer, ele define a “criação [em 2010] do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE), um grupo acadêmico interinstitucional que abarca pesquisadores de diferentes

estados e de áreas diferentes” (LANGER, 2016, p. 924). Nesse sentido, o autor destacou algumas atividades do NEVE, como a publicação do Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos.

Sem dúvida, esse artigo de revisão foi significativo para o nosso estudo, esse dicionário publicado pelo NEVE foi comprado e tornou-se fonte de pesquisa e suporte às análises em desenvolvimento. Além disso, a conclusão de Langer (2016) em seu artigo aponta para a necessidade de a temática ser estudada e do interesse crescente nesse tipo de estudo, nas palavras do autor:

os estudos brasileiros sobre religiosidade nórdica já produziram uma razoável quantidade de publicações e eventos, mas ainda são muito pequenos se comparados com outros temas da Medievalística e da História das Religiões instaurada no Brasil. A área tem ainda muito a crescer e já vem demonstrando interesse em discutir as suas próprias maneiras de pesquisar, as suas bibliografias e metodologias. (LANGER, 2016, p. 932)

Entendemos esse estudo de Langer (2016), como introdutório e necessário a pesquisadores que busquem se debruçar na temática da mitologia nórdica. Já as três dissertações de mestrado que apresentaremos a partir de agora, revelam que Langer (2016) foi assertivo quando informou em seu artigo tanto sobre o crescente de atual interesse na temática de estudos da mitologia nórdica no Brasil quanto sobre a abrangência acadêmica em termos territoriais. As três pesquisas selecionadas, são de diferentes regiões brasileiras e foram apresentadas em programas de Pós-Graduação nos últimos quatro anos, optamos, por uma questão de foco, em estudos que tiveram também o livro *Deuses Americanos*, como pano de fundo.

Na dissertação intitulada *A sacralização da Ciência em Deuses Americanos*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara- SP, Hebe Tocci Marin toma a narrativa como sendo uma ficção científica (FC) reversa. Ou seja, ela define *Deuses Americanos* como gênero textual FC e evidencia que existe uma memória que é restabelecida através dos arquétipos, símbolos e signos na narrativa. Nas palavras da pesquisadora,

[...] em termos classificatórios, *Deuses Americanos* pode ser citado como uma FC distópica ao retratar deuses tecnológicos amedrontados, tirânicos e imperfeitos, quebrando com a expectativa de uma tecnologia perfeitamente boa para a humanidade. A obra também se encaixa no gênero da Fantasia

Científica uma vez que a criação dos deuses novos deu-se a partir de invenções, frutos de estudos racionais. (MARIN, 2016, p. 29)

Com referenciais do “pai da psicanálise”, a autora nos convida a pensar como os encontros diaspóricos podem exigir que as pessoas enterrem seus deuses e se apropriem de outros modos de manifestar a fé com vistas a manter a própria vida. Entretanto, Marin pondera o fato de que a memória acessa primeiro aquilo que é necessário, não significa que aquilo que não possamos nos lembrar não esteja em nós e não se manifeste socialmente com outros formatos. Gaiman, com títulos que remontam a datas históricas, de eventos migratórios, no globo, dá pistas ao leitor, sobre essa necessidade de plasticidade sociocultural, desse modo,

[...] o inconsciente é, nesta narrativa, um espaço onde informações relacionadas a crenças são armazenadas, o que significa dizer que as próprias crenças, personificadas, são armazenadas ali, sem que o indivíduo tenha conhecimento disso; eles creem de maneira que a religião passe a existir, mas não sabem que, com esse ato criador, surgem também figuras personificadas de deuses, figuras estas com personalidades, medos e inseguranças muito humanos (MARIN, 2016, p. 39).

Sem dúvida, a autora convida o leitor a pensar sobre possíveis “marcas genéticas” no inconsciente orientando as práticas sociais do presente, mesmo que de forma dissimulada. Na América do Norte, para onde migraram os velhos deuses, nos porões da consciência, eles não podem ser acessados diretamente, cabendo se manter nos arredores das inovações tecnológicas, os deuses do presente. De fato, uma ficção científica, que dado ao fato de que afetam o dia-a-dia merecem olhares investigativos. Marin concluiu seu estudo que,

[...] o surgimento de deuses novos, embasados em tecnologia, demonstra que, como nos primórdios, a humanidade ainda precisa voltar afeto àquilo que lhe proporciona aconchego – como os recursos tecnológicos facilitadores da vida cotidiana, dessa forma, é possível reforçar valores imprescindíveis para que a sociedade continue existindo e, assim, surge um novo tipo de mitologia, baseada em fetiches modernos (MARIN, 2016, p. 119-120).

Desse modo, no entendimento de Marin, as tecnologias digitais são os deuses do presente, já que operam entre o real e o virtual e produzem conforto aos usuários e pelo fato de serem uma linguagem de compreensão reduzida assumem qualidade fantástica e produzem fetiches.

Na dissertação intitulada *O simulacro de Asgard: uma análise sobre o fenômeno cultural dos Youtubers e o romance Deuses Americanos* de Neil Gaiman, apresentada em 2019 no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE- SC, a autora Amanda Gassenferth buscou a “compreensão dos imbricamentos do fenômeno cultural do YouTube e Youtubers e do romance *Deuses Americanos* buscando as conexões e sobreposições no ciberespaço”. Diante disso, o referido estudo centrou-se em uma ‘rede social’ específica (YouTube) e nos anônimos que assumem funções de influenciadores digitais (Youtubers) nela, tornam-se referências para os seguidores. A pesquisadora explicou que foi durante uma viagem à Alemanha, a partir de uma palestra, que teve o interesse de pesquisar sobre a mitologia nórdica, com o objetivo de,

[...] observar o fenômeno do YouTube e youtubers na Europa, percebendo a abrangência de um fenômeno desterritorializado. Assim, após compreender o YouTube como um fenômeno de entretenimento e os youtubers como ícones desse processo e visitar a Escandinávia, constatou-se que a mitologia nórdica hoje circula entre os escandinavos contemporâneos na mídia escrita e audiovisual, nos livros, nos quadrinhos, nos contos e nos filmes. A experiência reforçou a analogia entre os deuses da mitologia nórdica circulantes no romance *Deuses Americanos*, de Neil Gaiman, e os novos deuses, os youtubers (grifo nosso, GASSENFERTH, 2019, p. 17).

Como visto, a autora focaliza a construção identitária de *Youtubers* como resultante da influência das deidades da mitologia nórdica difundidas entre as crianças e jovens a partir da Europa. A autora demonstrou a partir de signos e símbolos que circunscrevem a comunicação dos influenciadores digitais e em traços identitários deles, que há similaridades entre os ídolos do presente e os mitos do passado.

Gassenferth (2019) toma o ciberespaço como sendo o novo lugar dos deuses, **Asgard**, os Youtubers seriam os humanos que receberam a permissão para trafegar pela ponte em formato de arco-íris, **Bitfrost**, e comunicarem a vontade dos deuses aos humanos comuns que residem na **Midgard**. A pesquisadora acenou para a *cultura pop*, atravessada por relações de consumo, enquanto fonte de inspiração e no poder do mito, linguagem que mexe com as identidades, como elemento fortalecedor a um novo modo de se estar no mundo. Em suma, de similar a este estudo que estamos empreendendo, citamos a compreensão dos signos e dos

símbolos, que produzem mitos e linguagens afins, como potentes mecanismos para analogias.

Na dissertação intitulada “Fissuras cotidianas: o entrelugar da experiência, do mito e do espaço em Deuses americanos”, de Neil Gaiman, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia - MG, em 2020, Luiza Maria Fonte Boa Melo, qualifica o livro como sendo do gênero fantástico-maravilhoso, conceito de Todorov (1980). Melo, a partir do conceito de experiência, de Walter Benjamin e de Jorge Larossa, entre outros, explica que:

[...] entrevi um fenômeno que acolhe as múltiplas possibilidades do saber, capaz de conciliar as verdades da razão com as verdades que a sensibilidade mítica pode elaborar, assumindo, portanto, a experiência como o acontecimento do qual o mito-e a língua- se expande (MELO, 2020, p. 16).

A autora, em outros termos, enfatiza que a narrativa fantástica-maravilhosa, mesmo antes de assim ser nominada, ainda no tempo da oralidade, é que produziu o estágio atual de desenvolvimento social. Desse modo, é fundamental que ela seja recontextualizada, que os deuses ressurgam, para que outros projetos de mundo possam ser sonhados. A apresentação dos mitos é feita a partir da evidência de signos e símbolos tendo como referência um dicionário literário, na sequência, segunda parte do estudo, a autora reflete sobre o efeito dessa construção narrativa enquanto lugar para experiência. Na conclusão do estudo essa conjunção mito, experiência, foi enfatizada nos seguintes termos,

[...] a obra de Gaiman sublinhou as incertezas e as instabilidades sobre as quais caminhamos diariamente, tantas vezes ignoradas, certos de que somos capazes de dominá-las a partir da razão [...] me incompreendi como ser racional passando a pensar em mim e na sociedade como seres de sentido, sendo a razão o elemento dicotômico para pensar a realidade e não o único [...]. (MELO, 2020, p. 123).

Diante disso, no estudo de Melo, é tomado quase como um livro de autoajuda em prol de narrativas provindas da experiência, jamais sobrepostas por verdades estéreis e disseminadas pelas máquinas. Opiniões a parte, como apresentamos nessas dissertações, o livro *Deuses Americanos*, de Neil de Gaiman foi classificado por Marin (2016) como ficção científica (FC) reversa e distópica, por Gassenferth (2019) como romance e por Melo (2020) como narrativa do gênero fantástico-maravilhoso. No estudo que estamos empreendendo as palavras ‘manifesto e

insurgente' são as que mais têm qualificado o texto, mesmo que nos arredores dessas classificações anteriores.

Justificativa

Os estudos revisados evidenciaram não apenas a necessidade de outras pesquisas sobre as redes sociais, já que elas estão interferindo no comportamento humano da atualidade, como também uma tendência a produzirem efeitos negativos na vida das pessoas. O fato é que as redes vieram para ficar. O Brasil é o 2º país no mundo a criar, em 2017², uma Graduação para a formação de influenciadores digitais, os Youtubers, o 1º foi a China. Essa tendência a diplomar autoridades sociais virtuais merece atenção, pois suas posturas produziram efeitos reais na vida dos usuários.

Os estudos sobre as redes sociais analisados de um jeito ou de outro apontam esses canais como provocadores não intencionais de danos, responsabilizando os usuários pelos excessos tanto nas comunicações que estabelecem quanto no tempo que ficam no espaço virtual. Essa desresponsabilização com o que provoca tem respaldo moral em estatutos ou regras criadas pelos proprietários das redes, que aliás, são infundáveis e, desse modo, quase imputáveis. No mercado de commodities o único vestígio é o dinheiro que entra e sai das contas dos acionistas. Desse modo, o termo barbárie talvez seja o mais adequado a essas redes sociais que se tornam terras sem dono, onde os que nelas transitam ficam à mercê da própria sorte. Ao mesmo tempo, pensar que somos a evolução dos bárbaros do passado pode abrir um um ponto de luz para o que projetamos a partir dessa falta de vidas de fato vividas na busca por narrativas que acompanham sonhos e permitam outros modos de sermos com os outros.

As pesquisas revisitadas que abordam a mitologia nórdica e o livro *Deuses Americanos*, acenaram para a necessidade de repensarmos em como as redes operam e em como se assemelham com deidades adormecidas no inconsciente. Muitas analogias são possíveis, basta que tenhamos uma hipótese, e nós temos, entretanto, com a única pretensão de causar a dúvida ao leitor: e se as redes sociais forem um exitoso trabalho dos deuses?

² Centro Universitário Brasileiro (Unibra), no Recife, iniciou, em 2018, a primeira turma de graduação em Influenciador Digital do País.

Objetivos

4.1 Objetivo geral

- Compreender, a partir de *Deuses Americanos*, em que medida a Internet e as redes sociais podem ter se tornado a reconfiguração de deidades do passado;

4.2 Objetivos específicos

- Criar uma classificação de deidades e mídias sociais com base na teoria peirceana, a fim de entender relações entre as manifestações das deidades e das mídias sociais.
- Relacionar elementos textuais, signos, símbolos que caracterizam as deidades de *Deuses Americanos* em práticas virtuais contemporâneas.

Hipóteses

- a. Seriam as redes sociais espaços templários que performatizam as práticas e os comportamentos bárbaros de deidades do passado, num misto de destruição e salvação do humano?
- b. O livro seria uma narrativa insurgente para alertar usuários das redes sociais dos engendramentos a que está sujeito em meio a um devir- seguidor?

Fundamentação Teórica

Deuses Americanos é criação literária e a *Literatura para Sartre* (2004) é uma Arte distinta das demais (música, pintura, escultura, poesia) pois somente a prosa, a narrativa é capaz de produzir significantes. Nas palavras do autor,

a "verdadeira" e "pura" literatura: uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio; um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, **um Eterno que dá a entender que é apenas um momento de História, um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela remete de súbito ao homem eterno;** um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam (grifo nosso, SARTRE, 2004, p. 28).

Toda a obra literária é cultural e histórica, em que os anseios dos leitores são tomados e projetados pelo escritor que escolhe palavras que permitam duplas liberdades. Para Sartre, independente das criações literárias ao longo dos séculos, é certo que,

[...] as liberdades do autor e do leitor se procuram e se afetam através de um mundo, pode-se dizer igualmente que a escolha que o autor faz de determinado aspecto do mundo é decisiva na escolha do leitor, e, reciprocamente, que é escolhendo o seu leitor que o escritor decide qual é o seu tema. Assim, todas as obras do espírito contêm--em si a imagem do leitor a quem se destinam (grifo nosso, SARTRE, 2004, p.58.).

Compreender o tema de uma determinada obra literária, a partir do desejo do escritor, por outro lado, não é algo tão simples, a boa narrativa é aquela que conserva quase que anônima a intencionalidade do criador. A criação literária é resultado da escrita e da leitura da obra (por um ou milhares), desse modo, será sempre um projeto colaborativo que se concretiza em duas ações (escrever/ler). Em suma,

a criação só pode encontrar sua realização final na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outrem a tarefa de completar aquilo que iniciou, uma vez que é só através da consciência do leitor que ele pode perceber-se como essencial à sua obra, toda obra literária é um apelo (SARTRE, 2004, p. 39).

Nesse movimento, o leitor toma a linguagem do escritor como meio para decifrar aquilo que deseja compreender, pois “o objeto literário, ainda que se realize da linguagem, nunca é dado na linguagem [...] o sentido não é a soma das palavras, mas sua totalidade (SARTRE, 2004, p. 37). Mesmo que o mistério seja elemento da Literatura tanto no processo de construção quanto naquilo que pode vir a provocar no leitor (receptor), é certo que se escreve acerca de um evento sintomático, de um momento histórico e cultural. Lembrando que,

Não se escreve para escravos. A arte da prosa é solidária com o único regime onde a prosa conserva um sentido: a democracia. Quando uma é ameaçada, a outra também é. E não basta defendê-las com a pena. Chega um dia em que a pena é obrigada a deter-se, e então é preciso que o escritor pegue em armas. Assim: qualquer que seja o caminho que você tenha seguido para chegar a ela, quaisquer que sejam as opiniões que tenha professado, a literatura o lança na batalha; escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade; tendo começado, de bom grado! ou à força você estará engajado (grifo nosso, SARTRE, 2004, p. 53).

Desse modo, verificar a que tipo de sociedade e público uma determinada escrita foi entregue, pode, mesmo que preliminarmente, qualificar uma narrativa em termos de temática.

Pensando nessas liberdades trazidas por Sartre (2004) em sua filosofia existencial, que permite ao leitor um status de receptor livre, mas ao mesmo tempo assume com ele o compromisso ético-estético é um certo alento a pesquisadoras de 1ª viagem (*stricto sensu*) como eu. Pensar que posso atravessar um livro através de mim, das minhas vivências, das coisas que sinto e das que nem percebo que me guiam, é fascinante e ao mesmo tempo assustador. Essa liberdade criadora no “território escrito” do outro, não deixa de provocar uma certa insegurança.

Transitar por entre as páginas de “Deuses Americanos” é, de certo modo, andar com guia de viagem incomum nas mãos, nada ocorre de acordo com o que se vai projetando a partir das palavras acomodadas lado a lado no texto. Nesse sentido, excessos de detalhes contribuíram para minha constante desatenção, ou deslocamentos do texto, são tantos os signos, símbolos, ícones que vão sendo introduzidos pelo autor que uma página pode levar a muitos lugares (num exercício de desterritorialização). Nesse sentido, enquanto leitor ora me sentia completa ora incompleta pelos símbolos introduzidos na narrativa, e cabe aqui retomar essa qualidade do termo, pois,

Etimologicamente, a palavra “símbolo” vem do grego (*symbolon*) e era empregada, dentre outras maneiras, para designar as duas metades de um objeto partido que se aproximavam (Lalande, 1968). Esse significado etimológico é interessante por indicar que, desde suas origens, o emprego do termo já era feito não no sentido de expressar uma qualidade de objeto, mas uma relação, e, mais ainda, o símbolo já era, desde Aristóteles, visto como um signo convencional (não natural). É essa natureza convencional do símbolo que, para além das divergências teóricas, pode ser apontada como sua característica fundamental (GARCIA-ROZA, 2009, p. 72).

Lendo, em alguns momentos, minha vontade era pular trechos que, na minha opinião (receptora), traziam elementos para desconcentrar o leitor dos protagonistas e de suas ações. Fui brincando com o termo necessário/desnecessário em meio a tantos nomes de bares, postos de combustíveis, franquias, músicas, bebidas, que atrapalham o desenrolar da ação. Nesse sentido, ao invés de ficar definindo o que

cada elemento seria, tomei a distinção entre ícones, índices e símbolos, feita por Peirce (1977, p. 63-76) apud Garcia-Roza (2009, p. 72-73),

todos três são *signos*, e um signo é considerado por ele como sendo aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa alguma coisa (seu objeto). Em função de sua relação com o objeto, um signo pode ser denominado *índice*, *ícone* ou *símbolo*. Um signo é denominado *índice* (ou sinal) quando mantém uma relação direta com o objeto que ele representa. Assim, uma rua molhada pode ser índice ou sinal de que choveu. Um signo é denominado *ícone* quando sua relação com o objeto é de semelhança. É o caso, por exemplo, da relação existente entre um retrato e o retratado. Um signo pode ainda ser denominado *símbolo*, e isso acontece quando sua relação com o objeto é arbitrária ou convencional, isto é, não natural. É o caso das palavras.

Retomando a ideia de Sartre (2004) de que o autor não escreve o livro para uma pessoa, mas para um possível leitor, e pensando em cada leitor como um ser de experiências conscientes e inconscientes, vale entender as narrativas como um emaranhado complexo de signos/símbolos ora territorializados pelo receptor.

A necessidade de o leitor ser acolhido numa narrativa requer o esforço intelectual do autor para a composição de um “perfil de leitor”. Deduzindo, intuindo experiências, organizando signos e símbolos em caracterizações de personagens e de cenários, em falas, que possam vir a atingir de imediato ou não um leitor. Enfim, é quase colocar um pretendo leitor no divã. Daí que, chegamos à psicanálise e sua instalação por entre as prosas de elementos que possam recuperar a consciência do leitor, lembrando que,

O inconsciente é um determinante poderoso do comportamento. Quando o inconsciente está reprimido e nega-se a entrada de seu conteúdo na consciência, a mente consciente está parcialmente sobrepajada pelos derivativos destes elementos inconscientes ou então está forçada a manter um controle de tal forma rígido e compulsivo sobre eles que sua personalidade poderá ficar gravemente mutilada (grifo nosso, BETTELHEIM, 2006, p. 16).

Apesar de haver um excesso de signos/ símbolos em *Deuses Americanos*, já mencionados neste estudo, é preciso reconhecer que Gaiman tem ciência do potencial tácito de narrativas, conforme apontado por Bettelheim (2006). O autor soube fazer uma junção simbólica capaz de cooptar muitos leitores, elucidando a perversidade milenar e principalmente a vulnerabilidade da vida humana. Vale acrescentar que,

A cultura dominante deseja fingir [...] que o lado escuro do homem não existe, e professa a crença num aprimoramento otimista. A própria psicanálise é encarada com o propósito de tornar a vida mais fácil. Mas não é o que seu fundador pretendeu. A psicanálise foi criada para capacitar o homem a aceitar a natureza problemática da vida sem ser derrotado por ela, ou levado ao escapismo (grifo nosso, BETTELHEIM, 2006, p. 17).

Voltando à Sartre (2004): escrever é um ato de liberdades (autor/leitor), desse modo não agrada aos que dominam as sociedades. Mesmo que um texto não atinja do mesmo modo a todos, há a essencialidade do objeto, e ela é a condutora da democracia. Lembrando aqui, “a prescrição de Freud é que só lutando corajosamente contra o que parecem probabilidades o homem pode ter sucesso em extrair um sentido de sua existência” (BETTELHEIM, 2006, p. 17).

A importância do acesso ao simbólico é defendida por Garcia-Roza (2006, p. 176) já que é, “condição necessária para a constituição do inconsciente e, evidentemente, também do consciente. Inconsciente e consciente se formam por efeito de um mesmo ato e não o segundo como um epifenômeno do primeiro”. Nesse sentido é importante ressaltar que “a linguagem é instrumento do consciente e não do inconsciente. Esse é construído de representações imagéticas” (IBIDEM).

A sociedade atual é resultado das sociedades anteriores, sendo que preserva em boa medida resquícios dos tempos que a precederam, porém, neste momento histórico, em meio ao advento da Globalização, vivenciamos o evento do desdobramento do eu ou da duplicidade existencial, em meio à desterritorialização operada pelas tecnologias virtuais, pelas redes sociais.

Bauman (2008) define esta como a “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” e o faz de modo distópico, melancólico, ponderando para o fato de que não há como ficar alheio ao que confere a pertença social, ao fluxo do consumo:

Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é ao mesmo tempo um direito e um dever humano universal que não conhece exceção (BAUMAN, 2008, p. 73)

Se apenas os objetos estivessem à venda, talvez o cenário da Sociedade de Consumo não fosse tão devastador, contudo, nesta estrutura social e econômica tudo e todos estão à venda e permanentemente. Desse modo, é preciso lançar-se na vida com atributos infundáveis, sob pena de ficar no esquecimento, tornar-se obsoleto,

morrer antes que o coração pare de bater. Além disso, mesmo que a pessoa se esforce muito para estar em “alta” nas prateleiras do mercado de trabalho, gozando dos benefícios das compras do dia-a-dia, a felicidade continuará no campo da utopia. Visto que,

Uma economia orientada para o consumo promove ativamente a deslealdade, solapa a confiança e aprofunda o sentimento de insegurança, tornando-se ela própria uma fonte de medo que promete curar ou dispensar- o medo que satura a vida líquido-moderna e é a causa principal da variedade líquido-moderna de infelicidade (grifo nosso, BAUMAN 2008, p. 63).

Ao contrário do que se pode supor, esse sentimento de infelicidade, mesmo quando se conquista ou se herda o poder de compra não significa que há uma anomalia no sistema, ao contrário, segundo Bauman (2008, p. 64),

Sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não-satisfação de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles). O método explícito de atingir tal efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido promovidos no universo do desejo dos consumidores.

Esta sociedade de consumo é também a dos apelos simbólicos, dos corpos esticados, dos excessos, desde que não coloquem a aparência do indivíduo em risco. Sim, esta é a sociedade do indivíduo, nela não é preciso amar o ‘outro’, mas empreender esforços na melhoria do ‘eu’. Já não é preciso ouvir aquilo que não se quer, numa roda de família, de amigos. Agora, pode-se entrar numa sala cheia de “gentes líquidas” e abandonar o local assim que outro apelo digital surja, isso sem necessidade de sair à francesa, de justificar um contratempo. Até porque, lamúrias, mi, mi, mi não rendem *likes*, podem reduzir a popularidade de um corpo plugado,

Relembremos que os consumidores são levados pela necessidade de se *comodificarem* – de se transformar em mercadorias atraentes- e obrigados a exibir todos os estratagemas e expedientes usuais das práticas de marketing para esse propósito (BAUMAN, 2008, p. 142).

A internet, as redes sociais que nela se instalam, nesta sociedade de consumidores vorazes, de consumistas natos ou adaptados, vem a ser um o verdadeiro “oásis democrático”. O espaço virtual acolhe a todos, sem restrições etária, de gênero, de raça e permite até a presença dos consumidores falhos, aqueles

que na vida real já perderam a vez. Para o autor, “a maravilhosa vantagem dos espaços da vida virtual sobre os espaços *offline* consiste na possibilidade de tornar a identidade conhecida, sem de fato, praticá-la” (BAUMAN, 2008, p. 146–147).

Voltando aos pobres enquanto usuários da internet é importante salientar que há um novo *status* ou modo de enxergá-los neste momento histórico. Esses consumidores falhos são qualificados como baixas colaterais, beneficiários de programas sociais, usurpam dos consumidores “de bem”, através de impostos, esmolas compulsórias, nesse entendimento:

Dinheiro transferido a eles é mau investimento, que dificilmente será recompensado, muito menos trará lucros [...] A sociedade ficaria melhor se os pobres queimassem seus barracos e se permitissem queimar junto com eles- ou apenas sumissem. Sem eles o mundo seria mais afetuoso e agradável de viver. Os pobres são desnecessários, portanto, indesejados (grifo nosso, BAUMAN, 2008, p. 160- 161).

Por outro lado, nesta sociedade de consumo, são bem-vistos os suvenires, os cartões plus e a redução de taxas e impostos para os ricos, como se eles fossem abençoados por Deus opostos aos “pobres demônios”. Nesse sentido, nesta sociedade onde homem retoca a “criação divina” corrige as imperfeições, a religião vem a ser,

Admissão da fraqueza [...] nos deparamos com dois caminhos inconciliáveis de aceitar o mundo e a nossa posição nele: **se não há nenhum Deus, só critérios empíricos devem guiar-nos o pensamento**, e critérios empíricos não conduzem a Deus, se Deus existe, ele nos dá pistas sobre como perceber Sua mão no curso dos acontecimentos, e com a ajuda dessas pistas reconhecemos a razão divina do que quer que aconteça (grifo nosso, BAUMAN, 1998, p. 209).

Se os princípios da sociedade de consumo são fluidez e impermanência, a renovação permanente de identidades, os templos se assemelham aos supermercados e aos shoppings, desse modo, a opção por critérios empíricos que não conduzam a Deus tende a se difundir. Quem pune no mundo das compras são os juros do cartão de crédito, quem concede graças, são os gerentes de conta, que após análises de perfil, aumentam o crédito de um “homem de bem”.

Instalou-se um novo mundo, uma nova ordem, com todo um aparato simbólico que não precisa mais “negociar nas fronteiras”, elas são atravessadas de maneira avassaladora pelas grandes corporações. As violências simbólicas, de que fala

Bourdieu (2006) estão normalizadas, são enunciadas enquanto tendências, verdadeiros tsunamis comerciais que derrubam todos e tudo que se atravessasse em seu caminho.

Diante disso, sem depreciar o esforço baumaniano, talvez o correto fosse nomear a sociedade atual de Sociedade de Consumo- Líquido-**antiga-medieval-moderna**", há produção de soldados do consumo sem expectativa de autonomia, há barbárie, em condutas que afetam vidas alheias, há burocracia atrasando questões que somente seriam resolvidas com ações emergenciais, rápidas.

É um absurdo dizer que a religião é uma mera crença. Você pode igualmente chamar a sociedade de uma crença, ou a política de uma crença, ou a civilização de uma crença. **A religião é uma vida, e só pode ser identificada como uma crença, contanto que seja uma crença viva** – algo para ser vivido mais do que dito ou pensado (C.S Peirce, vol. par. 6.439).

Entre os conceitos importantes para este estudo está o da crença, e no texto "A fixação da crença", de Charles Sanders Peirce (1887), o autor refletiu sobre como ao longo do tempo, as crenças vão se modificando de acordo com o desenvolvimento cultural e histórico que condiciona o modo de vida dos homens. Essas crenças se consolidam tanto por circunstâncias quanto por opiniões pessoais e gostos distintos.

Peirce (Idem) ponderou sobre as formas pelas quais as pessoas passam a crer em algo, e aqui, o verbo "crer" está associado com o sagrado ou doutrinas teológicas, mas também ligado a acreditar em um governo. Segundo o autor, há métodos para que se fixem as crenças: o método da tenacidade, o método da autoridade, o método "a-priori" e o método científico. O método da tenacidade pode ser entendido como o esforço do indivíduo que pode atravessar a vida mantendo fora do seu campo de visão tudo o que poderia causar uma mudança nas suas opiniões, e, se consegue ser bem-sucedido, continuará acreditando nisso. Exemplificando, pessoas de "direita" não leem *sites* de "esquerda", logo, não são impactadas pelos temas e discussões desse grupo, e o mesmo para pessoas de "esquerda", que não leem *sites* de direita.

Já o método da autoridade, é um dos meios para sustentar doutrinas teológicas e políticas. É o método onde a vontade de Estado atua, onde as instituições passam a definir as doutrinas corretas para o povo, em que opiniões pessoais ou pouco habituais são rebatidas com ódio e horror. Nesse sentido, onde quer que exista uma

classe de sacerdotes – e não existe religião que não possua uma – esse método é, ao menos em parte, utilizado. Já no método a-priori, o indivíduo entende que usou a razão e, sendo assim, fez uma escolha racional e correta. Em um possível rompimento com esses métodos, Peirce, define o método científico, como aquele que vai além do pensamento humano, pois parte da realidade e a opinião não pode afetar a verdade contida na realidade.

Desse modo, entendendo a religião enquanto crença viva, que se atualiza juntamente com o sagrado e que essa crença é fixada pela experiência, vale refletir sobre em que templos os indivíduos da sociedade de consumo estão se sentindo vivos, e quais os signos circunscrevem essas experiências?

Retomando Bauman (1998, 2008), os ambientes virtuais, podem ser os espaços apropriados para cultos a nós mesmos. Nesse sentido, a década de 1990 pode ter sido a de edificação desses novos templos, nesse período,

a emergência da cultura planetária via redes de teleinformática instalou definitivamente uma crise na hegemonia dos meios de massa e, com ela, o emprego da palavra “mídia” se generalizou para se referir também a todos os processos de comunicação mediados por computador (SANTAELLA, 2004, p. 76).

Desse modo, a partir da organização simbólica hegemônica das mídias, a participação ativa em ambientes midiáticos se tornou a nova demanda existencial, pertencer ao mundo virtual tornou-se tão ou mais importante do que viver no mundo real.

A autora, em estudos recentes, pondera sobre a rapidez com que o espaço virtual se reconfigura, em busca de atender e a gerar demandas comportamentais e que não é possível “minimizar o papel que as redes digitais hoje desempenham na vida psíquica, social, cultural, política e econômica” (SANTAELLA, 2013, p. 35). E como não acrescentar, religiosa?

De outro lado, é bom que registremos que o crescimento do paganismo contemporâneo, ou neopaganismo, no mundo tem aumentado, segundo dados do IBGE (2010) 8% dos brasileiros se declarou sem religião e 3% praticante de crenças não reconhecidas. Esse avanço neopagão, para a antropóloga Cordovil (2020, p. 203-204),

Está ligado a um contexto de modernidade religiosa, no qual as buscas pessoais adquirem importância maior do que o pertencer a instituições religiosas tradicionais [...] abrange diferentes tipos de práticas religiosas voltadas para o resgate do culto aos deuses de civilizações antigas e pré-cristãs (grifo nosso).

Desse modo, “Deuses Americanos”, pode ter virado um fenômeno literário em vista de uma demanda ansiosa para o restabelecimento de cultos não institucionalizados, não controlados por outras corporações. Segundo Salomensen (2002) apud Cordovil (2020, p. 204),

As primeiras expressões religiosas neopagãs surgiram na Europa no século XIX, especialmente na Inglaterra, inspiradas na cosmovisão Celta e por meio de uma valorização da espiritualidade greco-romana. Essa prática expandiu-se mundialmente durante a segunda metade do século XX, quando sua ênfase em divindades da natureza foi combinada com concepções holísticas e contraculturais e com movimentos de contestação social, como o movimento ecológico e o feminismo. (grifo nosso).

A religião neopagã mais conhecida e praticada no mundo é a Wicca, “criada na Inglaterra por Gerald Gardner, um antropólogo amador, provavelmente entre as décadas de 1940 e 1950. Para a autora, a Europa reúne o maior número de pagãos no mundo, até em vista de que foi berço dessa retomada de antigos rituais. Com um certo “atraso”, nos anos de 1960, o neopaganismo chegou aos Estados Unidos, entretanto, em circunstâncias singulares, que ora se aproximam e ora se afastam das motivações europeias. De acordo com Cordovil (2020, p. 204), “foi influenciado pelo movimento hippie, o feminismo e a contracultura [...] existem cerca de 800 mil pagãos nos Estados Unidos [...] 80% dedicam-se à prática solitária, encontrando-se com seus pares apenas em eventos e festivais.

Em estudos similares a autora (Idem) encontrou a menção de comunidades pagãs no Canadá, na Austrália, Nova Zelândia e em diversos outros países, o que torna o crescimento dessa religião um fenômeno mundial. O fato de Neil Gaiman ser britânico e não estadunidense pode revelar uma possível solidariedade do autor com os Deuses Nórdicos em solos Americanos, já que ser deidade numa sociedade onde o consumo está acima de tudo e de todos exige de todos devires que desorientam até o divino.

CAPÍTULO 1: DEIDADES E REDES SOCIAIS

1.1 O autor

Antes de contextualizar a obra literária *Deuses Americanos*, acho importante um pequeno contexto sobre o autor da mesma:

Uma aparição de Gaiman costuma envolver uma leitura, possivelmente o único lugar no mundo em que um poema recebe o tipo de gritos e aplausos que costumam ser reservados para shows de rock (CAMPBELL, H., 2014).

Gaiman é o tipo de escritor que mistura os arquétipos do passado com representações futuristas, em que o presente se torna apenas o meio para discorrer sobre a permanência *ad aeternum* do bem/mal entre nós.

Não faltam definições dele em *sites*, em *blogs*, em reportagens de jornal. Gaiman mantém atualizado o seu próprio *site*, local onde fala com o público, e responde a críticas e a elogios, evidenciando que sabe o valor da comunicação disruptiva e eficaz. Cabe aqui ponderar sobre a origem dessa expertise narrativo-comunicacional, Gaiman se inspirou ou foi afetado por outras mentes brilhantes, como consta em seu *site*, “quando criança, Gaiman descobriu seu amor por livros, leitor de C.S. Lewis, J.R.R. Tolkien, James Branch Cabell, Edgar Allan Poe, Michael Moorcock, Ursula K. LeGuin, Gene Wolfe e G.K. Chesterton”.³ Jornalista Inglês, em 1985 publicou o seu primeiro livro, a “Biografia do Duran Duran”, a banda de *punk rock* que “estremeceu a Inglaterra” nos anos de 1980, declarada como a preferida da Princesa Diana e de boa parte de seus “seguidores”.

Se o sucesso de um escritor no século XXI é chancelado pelas premiações ao estilo hollywoodianas, Gaiman pode ser chamado de “iluminado”, ele conheceu cedo os tapetes vermelhos, pois sua série em quadrinhos *Sandman* (1988) recebeu um grande número de prêmios nos Estados Unidos, incluindo nove *Will Eisner Comic*

³ Adaptado/Traduzido pela autora do *site* do autor: https://www.neilgaiman.com/About_Neil/Biography

Industry Awards e três *Harvey Awards*. Em 1991, Sandman se tornou o primeiro quadrinho a receber um prêmio literário, o Prêmio World Fantasy de 1991, de melhor conto (*site* de Neil Gaiman, 2021)⁴ e já teve mais de 75 edições.

Importante destacar que em “Sandman”, Gaiman apresenta seu gênero misto, particular, inusitado, já que numa complexidade de arcos e ligações, Gaiman começa a trabalhar a ideia de deidades entre os humanos, apresentando o conceito dos “irmãos perpétuos” sublinhando o Destino, a Morte, o Sonho, o Desejo, a Destruição e o delírio enquanto elementos narrativos.

O livro examinado neste estudo, “Deuses Americanos”, publicado em 2001, segue a linha do *Sandman*, mas vai além, já que, Gaiman transgrediu de maneira enfática o tempo e o espaço, exigindo do leitor uma compreensão não linear, que se assemelha muito aquilo que a mídia digital introduziu no campo da comunicação, o hipertexto, o que possivelmente explica a recepção fenomenal do livro pela juventude. Vale mencionar, acerca desse exercício da hipertextualidade, enquanto prática difundida e legitimada, que, segundo dados da Organização da Nações Unidas (ONU)⁵, publicados em 2019, atualmente, 4,66 bilhões de pessoas ou o equivalente a 53,6% da população mundial utiliza a internet, e 3,5 bilhões (75% dessa mesma população) utiliza alguma rede social, desse modo, a juventude está familiarizada, alfabetizada em narrativas ora síncronas ora assíncronas.

“Deuses Americanos” venceu o Prêmio Hugo (2002), considerado o “Oscar” dos livros de ficção, que premiou obras como *A Revolução dos Bichos* (1945), *Fahrenheit 451* (1954) e *O Homem do Castelo Alto* (1963). O livro foi traduzido para 34 idiomas, o que garantiu a Gaiman a menção de cânone da cultura *pop*, um “fabricante de *bestsellers*”, vendeu até 2017, segundo a *Forbes*⁶, 40 milhões de cópias.

Ciente de uma popularidade sem precedentes, Gaiman mantém diálogos constantes com os fãs e tem milhares de seguidores nas redes sociais, é embaixador de uma ONG que protege refugiados, posicionando-se como um ativista e questionando o levante conservador na contemporaneidade, principalmente, de viés estadunidense.

⁴ Adaptado/traduzido pela autora do *site* do autor: https://www.neilgaiman.com/About_Neil/Biography

⁵ Dados da ONU: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1693711>

⁶ Fonte: <https://www.forbes.com/sites/adriennegibbs/2017/04/30/tracking-the-books-to-tv-trend-american-gods-shannara-got/?sh=330f36c26ebf>

Imagens 1- Composição de diálogo com fãs em relação à Pandemia



Fonte: Twitter Neil Gaiman

Um dos motivos pelos quais essa *live* foi concedida, foi um “levante”, por parte de brasileiros no Twitter, indignados com o anúncio da adaptação de suas Histórias em Quadrinhos (HQ) “Sandman” para a Netflix, em que a etnia do protagonista seria modificada e ao invés do personagem original branco, passaria a ser um personagem negro. Vale destacar um registro desse “bate-boca” internacional:

Imagem 2- Composição de conversa sobre o escurecimento do Sandman



NICOLE BOLSONARO WITH LASERS
@bvisionrevela

Em resposta a @neilhimsself

Sandman | Sandman on Netflix

[Traduzir Tweet](#)



1:15 PM · 28 de set de 2020 · Twitter for Android



Neil Gaiman ✓
@neilhimsself

Em resposta a @bvisionrevela

This is Sandman in the Comics too. I'm not sure what point you were trying to make, but all it shows is that you aren't much of a Sandman fan, I'm afraid.

[Traduzir Tweet](#)



Fonte: Twitter Neil Gaiman

Quando questionado se os ataques advinham de algum outro lugar, além de o Brasil, o autor respondeu: Uma das mais antigas redes de computador ainda em uso, constituída por fóruns de discussão de texto organizados por tópicos (Tradução e transcrição de entrevista de Gaiman, *live*, mar. 2020)⁷. Desse modo, resta dizer, que Neil Gaiman é tão assertivo quanto aquilo que narra, ele faz questão de mexer com as estruturas e de desvelar em narrativas a lógica do dito e do a ser dito. Especificamente, sobre o objeto condutor deste estudo, “Deuses Americanos”, um conto de deidades que (des)acompanham pessoas, vale a seguinte fala do autor, “são personagens fictícias usadas em um contexto fictício, no qual “só os deuses são reais” (GAIMAN, 2004, p.7).

Entretanto, o que torna esse livro ponto de partida nesta pesquisa que hipertextualiza com redes sociais, é a possível reconfiguração de deuses e semideuses apresentados por Gaiman como inspiradoras dos grandes instrumentos comunicacionais da atualidade. Em vista da possibilidade de identificação de características tanto simbólicas quanto das exigências comportamentais que difundem, enfim, operam para que os usuários se “ajoelhem/curvem” e deem “oferendas/likes”. Trata-se de deuses e/ou plataformas impetuosas, nada sensíveis

⁷ Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R3csdrkBIhk&t=1263s>

ao sofrimento alheio ou preocupadas com os problemas que possam provocar aos seus devotos/seguidores. Nesse sentido, cito a possível (re)adaptação da Rainha de Sabá em Deusa Bilquis (a performance da luxúria) e a fruição dessa nas redes sociais para aplicativos do tipo Tinder, que permitem “um frescor erótico-sexual” em um clique.

1.2 A obra

O livro *Deuses Americanos* é uma obra de ficção que apresenta deuses como ideias. Na narrativa, os deuses são criados pelos humanos e apesar de sua conhecida onipotência, onisciência e onipresença, precisam que as pessoas acreditem neles, tenham fé neles, para que continuem existindo. Eles também são transportados de um lugar para o outro através de seus fiéis, ou, esquecidos na migração. Um exemplo que consta no livro: quando os escravos foram trazidos para a América, eles vieram com sua fé e seus deuses juntos e agora estes deuses passam também a morar na América, mas em uma versão diferente do que eram na África. Décadas de racismo e embranquecimento forçado depois, muitos desses deuses foram esquecidos, suas histórias não foram repassadas para os filhos e netos desses escravos e sendo assim, eles deixam de existir, ninguém mais lembra ou acredita em sua divindade.

É claro que deuses são ideias mais difíceis de matar do que pessoas, porém quando morrem, não deixam vestígio. Ou seja, essa obra traz a realidade como construção simbólica, que só tem força quando compartilhada e é uma perspectiva inovadora da ideia de deidades.

O protagonista da nossa história é um homem chamado Shadow e a história dele começa na cadeia, onde, poucos dias antes de ser liberto, recebe a notícia de que a sua esposa e o seu melhor amigo morreram em um acidente de carro. Sem muita perspectiva após sua libertação, Shadow acaba aceitando uma proposta para ser guarda-costas de um homem misterioso, chamado Wednesday, que o abordou em um bar.

Ele e o novo patrão partem para uma longa viagem de carro pelos Estados Unidos, e é ao longo dela que Shadow descobrirá que seu chefe é na verdade o deus escandinavo Odin. O autor fez um jogo com as palavras, Wednesday: *Woden's Day* - Woden é uma variação do inglês antigo para o nome de Odin. Não bastasse o choque de um deus em seu caminho, diversos passam a se apresentar para Shadow ao longo

da trama, como O Sr. Íbis, que é o deus egípcio Thoth, o Sr. Nancy, divindade africana, Easter, a deusa celta da colheita e fatura, Czernobog, o deus eslavo da escuridão e Bilquis, uma representação da Rainha de Sabá e das deusas da fertilidade.

O objetivo de Odin com essa viagem é reunir todos os "antigos deuses" que puder, para travar uma guerra contra os ditos "novos deuses". O problema é que para isso ele precisa de um grande exército e poucos dos antigos deuses ainda existem, e dos que existem, quase nenhum está em seu formato original, ainda tem força ou intenção de entrar em uma batalha. Os rivais, os novos deuses apresentados no livro, não são exatamente de uma religião, mas tem legiões de seguidores em seus templos todos os dias: mídias, internet e o capitalismo.

Conhecemos o Technical Boy, como representação da tecnologia e da internet, apresentado como um jovem mimado, que troca de roupas instantaneamente conforme as tendências, a Media, personagem que representa a TV e a mídia, e se apresenta como diferentes artistas dos anos dourados, como Lucy Ricardo da série de 1951 "I Love Lucy" e o Intangible, o deus da bolsa de valores e personificação da "mão invisível do mercado" - também conhecemos a estranha figura do Mr. World, que age como um CEO desses novos deuses, como o dono de uma empresa, que comanda e coordena todas as atividades que ajudam esses deuses a ganharem cada vez mais força e seguidores.

Em uma das paradas de Odin e Shadow para recrutar deuses, é possível ver um indício da nossa problemática: de que as deidades poderiam ter se reconfigurado, mudando sua forma de adoração. Nossos dois protagonistas param em um piquenique de Páscoa, com o objetivo de recrutar Easter para a batalha. A deusa celta das colheitas se recusa, alegando que não precisa lutar com os novos deuses, pois ainda é muito forte:

"Estou lhe dizendo", disse ela, estou bem. Em meus dias de festival, eles ainda se alimentam de ovos e coelhos, de doces e de carne, para representar o renascimento e a cópula. Eles usam flores em seus gorros e dão flores uns aos outros. Eles fazem isso em meu nome. Mais e mais deles a cada ano. Em meu nome, lobo velho."

Odin rebate, dizendo que nenhuma dessas pessoas lembra dela na celebração, que hoje a Páscoa só existe por causa de Jesus e que ela já estava lá há

centenas de anos, sendo celebrada em colheitas e trocas de lua, antes da existência dele. Como era possível não se indignar? Não querer seus adoradores de volta? Porém, Easter continua em sua posição, muito feliz em ser uma grande deusa "atualizada".

Ao longo do livro, vamos encontrando mais alguns indícios da reconfiguração dos deuses: um antigo deus da guerra que agora possui uma fábrica de armas em uma cidade do interior dos EUA (cujo povo é extremamente devoto à ele e à toda fortuna que a fábrica trouxe) e uma deusa africana da fertilidade, que utiliza o *Tinder* (aplicativo de paquera) para encontrar novos adoradores. À medida que a trama segue, temos várias reviravoltas: a esposa morta de Shadow retorna para ajudá-lo, ele descobre ser filho de Odin, Odin é capturado e morto pelos novos deuses e Shadow resolve sacrificar-se em um ritual da mitologia nórdica para trazer o pai/chefe de volta à vida, pendurando-se na Yggdrasil, a árvore do mundo.

E é depois disso que ocorre o nosso maior *plot twist*: Shadow é trazido de volta à vida por Easter e descobre que a guerra entre deuses "novos e antigos" era uma grande armação de Odin e Mr.World, que na verdade, era Loki - um dos filhos de Odin, deus da trapaça e da mentira e tão antigo quanto o pai - apenas adaptado e reconfigurado em uma nova roupagem. O plano era simples: a matança/sacrifício em nome de Odin o fortaleceria e o caos da batalha fortaleceria seu filho Loki. Shadow revela tudo aos deuses antigos e novos. Um dos novos deuses comentou perplexo:

- Mas o senhor World falou...

- O senhor World não existe. Nunca existiu. Era só mais um de vocês tentando se alimentar do caos que ele mesmo criou (GAIMAN, 2016, p. 509).

No posfácio, temos mais um encontro com Odin. Shadow, em uma viagem para a Islândia encontra uma encarnação do velho deus, em formato de ancião, muito próxima dos antigos relatos mitológicos. Ele diz a Shadow:

— Você é Odin — disse Shadow.

O homem assentiu com a cabeça, pensativo, como se sentisse o peso do nome.

— Me chamam de muitas coisas, mas, é, eu sou Odin, filho de Bor.

— Eu vi você morrer. Fiz a vigília do seu corpo. Você tentou destruir tanta

coisa por causa de poder. Sacrificou tantas coisas por você mesmo. Você fez tudo isso.

— Eu não fiz nada disso.

— O Wednesday fez. Ele era você.

— É, ele era eu. Mas eu não sou ele.

1.3 Índices, ícones e símbolos

Para definir as relações entre as deidades e as mídias sociais atuais vamos buscar referências no pensamento do filósofo americano, Charles Sanders Peirce, que, ao observar os fenômenos em sua totalidade, identificou processos e fundamentou suas reflexões no conceito de semiose que é a ação do signo, portanto, em um sistema complexo e contínuo. Ele trata dos conceitos que envolvem os signos por meio da classificação dos fenômenos e das inferências abdutiva, indutiva e dedutiva e de um sistema complexo com base na fenomenologia.

Ao definir as “categorias universais do pensamento e da natureza”, a partir da observação dos fenômenos, Peirce introduz os conceitos de primeiridade, segundidade e terceiridade para a fundamentação da semiótica. Cada elemento dessa tríade define um momento na cognição, e particularmente na cognição humana. Na primeiridade destaca-se a faculdade de gerar hipóteses, ela é a única inferência que permite a criação de novas ideias; na segundidade temos a capacidade de verificação e validação das hipóteses produzidas em abdução e, na terceiridade temos a capacidade de produzir generalizações. Assim, a partir das hipóteses geradas que são testadas até que elas se transformam em leis e estabelecem as regras.

Peirce (1983), de forma sintética, afirmou que o signo é algo que representa algo para alguém, sob algum ponto de vista. As relações feitas entre o pensamento de Peirce e dos pensadores Deleuze e Guattari ocorrem quando esses pensadores identificam as referências sobre semiótica e as noções diagramáticas em sua obra “Mil Platôs”. A hipótese formulada por esses dois filósofos é a de que

A distinção de índices, ícones e símbolos vem de Peirce [...]. Mas ele os distingue por relações entre significante e significado (contiguidade para o índice, similitude para o ícone, regra convencional para o símbolo); o que o leva a fazer do “diagrama” um caso especial de ícone (ícone de relação). Peirce é verdadeiramente o inventor da semiótica. Razão pela qual podemos lhe tomar de empréstimo alguns termos, mesmo modificando sua acepção. Por um lado, índices, ícones e símbolos, nos parecem se distinguir por relações de territorialidade-desterritorialização, e não por relações significante-significado. Por outro lado, o diagrama nos parece desde então ter um papel distinto, irreduzível ao ícone e ao símbolo (DELEUZE, GUATTARI, 1980, p. 177).

Peirce dedicou sua vida a criar uma “classificação fundamental dos fenômenos”, que é uma filosofia definida a partir de uma tricotomia de elementos que se interconectam e que não podem ser analisados separadamente, pois constituem um contínuo por meio de um processo de mediação. São eles: os conceitos de **primeiridade**, **segundidade** e **terceiridade**, que constitui a teoria dos signos. Portanto, o signo como uma tríade é formado pelo **representámen** ou **fundamento**, o **objeto** e **interpretante**. Para ele,

Signo é um Cognoscível, que, de um lado, é assim determinado (isto é, especializado) por algo diverso dele, chamado o seu Objeto, enquanto, por outro lado, ele próprio determina uma Mente existente ou potencial, determinação essa que denomino o Interpretante criado pelo Signo, e onde essa Mente Interpretante se acha assim determinada mediatamente pelo Objeto (PEIRCE, 1983, p. 121).

Para Peirce, a Semiótica pode ser classificada a partir de três inferências lógicas: abdução, indução e dedução. A primeira é uma inferência que cria novas hipóteses e é a que mais nos interessa, pois é ela que produz novas ideias e, certamente, esse tipo de raciocínio está diretamente relacionado ao processo criativo. A lógica abdutiva é um “quase-raciocínio, instintivo, uma adivinhação altamente falível e é o único tipo de operação mental responsável por todos os nossos *insights* e descobertas” (VIEIRA; SANTAELLA, 2008, p. 61). Os pensamentos produzidos pela inferência abdutiva serão observados pela inferência indutiva como um processo

operatório ao qual submetemos os fenômenos e, finalmente, serão cumpridos e generalizados pela inferência dedutiva.

Aqui, não pretendemos tratar da Teoria Semiótica em toda sua extensão, profundidade e complexidade. De fato, iremos considerar alguns pontos importantes para produzir critérios de classificação que usaremos para relacionar os deuses e as mídias sociais. Iniciemos pelo ambicioso projeto de Peirce de encontrar um número finito de categorias que pudessem servir para classificar os fenômenos. Sua filosofia foi organizada numa “classificação fundamental dos fenômenos do pensamento e da natureza” baseada em três categorias do pensamento: *firstness*, *secondness* e *thirdness*, que foram traduzidos para o português por: primeiridade, segundidade e terceiridade.

De modo sintético, podemos afirmar que a primeiridade é indivisível, o acaso, o espontâneo, a indefinição e o sentimento. A segundidade está presente onde identificamos a alteridade, a matéria, o conflito, a ação e a reação. E a terceiridade é a lei, a inteligência, a generalidade e a continuidade. Primeiridade é a consciência imediata assim como ela é. A relação de confronto é colocar lado a lado o primeiro com o segundo e, assim, produzimos a mediação entre duas ideias que neste processo se torna segundidade. A mente interpretante inquieta busca o repouso e, nela encontra, na camada da inteligibilidade, a terceira categoria. Com esse processo de mediação chegamos às regras e as leis que se mostram como uma síntese intelectual. Assim, a terceiridade é a ideia que se concretiza; é aquilo que se estabelece na relação entre o segundo e o primeiro. Na ideia de terceiridade estão embutidos os conceitos de cognição, generalidade, lei, crescimento, continuidade e pensamento.

A produção de conhecimento não é uma ação exclusiva da mente humana, mas sim, de um processo que se origina na percepção dos fatos que, por sua vez, estimulam nosso raciocínio lógico e, apoiados em uma determinada linguagem, por meio da ação dos signos, gera conhecimento, num círculo interminável de produção de conteúdo. O processo de semiose, como a ação do signo, constitui-se de três entidades relacionadas entre si: o **fundamento ou representâmen**, que é o primeiro, que se relaciona com um segundo, que é o seu **objeto**, este, por sua vez, representa

o signo e, assim, os dois são capazes de determinar um terceiro que é o **interpretante** ou a **mente interpretante**.

Uma das características da obra peirceana são os níveis de complexidade que os conceitos vão adquirindo à medida que vamos penetrando no conhecimento semiótico. Diante das três categorias universais, devemos acrescentar que o signo, segundo Peirce, deve ser compreendido como uma relação composta pelo **fundamento ou representâmen** em primeiridade, em seguida definimos o **objeto** que se decompõem em dois **objetos: imediato e dinâmico**, em segundidade e depois temos os **três interpretantes: imediato, dinâmico e final**, em terceiridade.

Ao ampliarmos os conceitos que envolvem os signos verificamos que eles ainda podem ser classificados em **qualissigno, sinsigno e legissigno** em relação ao signo em si; **ícone, índice e símbolo** em relação ao objeto e **rema, discente e argumento** em relação ao interpretante. A teoria semiótica opera a partir das tricotomias em vários níveis e, assim, para classificar os tipos de signos podemos dizer que eles são qualissigno-icônico-remático ou sinsigno-indicial-discente. Porém, aqui não pretendemos aprofundar essas questões que envolvem os signos a partir de suas classificações que podem ser consideradas pelo viés do signo em si, do objeto e do interpretante.

No entanto, as reflexões da teoria semiótica são compostas por tricotomias que devem ser analisadas segundo as categorias universais fenomenológicas formuladas por Peirce. A teoria semiótica que utilizaremos para orientar esta pesquisa tem como objetivo auxiliar na classificação das deidades em relação às mídias sociais. Para tanto, vamos descrever, resumidamente, os conceitos que envolvem as tricotomias.

Os signos são divisíveis conforme tricotomias; a primeira, deve ser observada pelo signo em si mesmo e pelo que ele é uma mera qualidade; a segunda, conforme a relação do signo com seu objeto e pela relação existencial como esse objeto; a terceira, conforme seu Interpretante é um signo de razão. Por certo que, para um signo existir, ele deve ser observado, como um signo em si mesmo, em suas referências associadas ao objeto que ele representa e pelos efeitos que ele está apto a produzir em seus interpretantes.

1.4 O FUNDAMENTO

Detalhando um pouco mais os elementos que compõem o signo temos que: o **fundamento** ou *representâmen* de um signo é o que traz a possibilidade da existência do signo, no entanto, ele é um **quase-signo**. De fato, é a qualidade percebida pela mente interpretante que importa. Segundo Santaella, é uma propriedade ou aspecto do signo que o habilita a funcionar como tal (2001, p. 42). Essa possibilidade de significação não atua como signo até que se corporifique como tal (PEIRCE, 2003, p. 52).

O signo representa alguma coisa, isto é, seu objeto. Portanto, segundo Peirce “representar esse objeto não é em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei de fundamento do *representâmen*. ” (2003, p. 46) Ele é o primeiro correlato do signo; é algo que dá condições para que algo se apresente diante de nós como signo. Para Peirce é o “objeto perceptível” (CP 2.230) que se apresenta como signo para uma mente interpretadora. Ele também é “o veículo que traz para a mente algo de fora” (PEIRCE *apud* NÖTH, 1995, p. 69). Ele é a primeiridade do signo que é relativamente difícil de ser compreendida, na medida que não se opõem a nada.

1.5 O OBJETO

O signo sempre se refere a um determinado objeto. Para Peirce, um objeto pode ser “perceptível, ou apenas imaginável, ou mesmo inimaginável num certo sentido”. (2003, p. 46). Para melhor exemplificar esse conceito podemos citar ODIN como um deus que, de fato, é um signo. Ele é imaginável por um de seus aspectos, e, a palavra escrita ou pronunciada, significa “o Deus dos Deuses” ou ainda o “chefe supremo do reino de Asgard”, onde habitam os deuses nórdicos. ODIN também pode significar o “deus da sabedoria, da magia, da poesia ou da guerra”.

O objeto, como um segundo correlato do signo, corresponde, de forma aproximada, à coisa representada. Para Peirce, o objeto pode se referir ao “objeto imediato, que é o objeto tal como o próprio signo o representa, e cujo ser depende

assim de sua representação no signo”, ou ao objeto Dinâmico, “que é a Realidade que, de alguma forma, realiza a atribuição do Signo à sua Representação” (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2000, p. 39).

Em relação ao Objeto, pode-se referir ao Objeto como conhecido no Signo e, portanto, como Ideia ou pode ser o Objeto como ele é para além de qualquer aspecto, o Objeto nas relações que um estudo ilimitado e final o mostraria” (CP 8.183).

Desta maneira o signo, conforme Peirce (2003), contém em seu interior a classificação do objeto em duas categorias: **objeto imediato** e **objeto dinâmico**.

1.6 O OBJETO IMEDIATO

O **objeto imediato** está intimamente relacionado ao fundamento pelas suas características em primeiridade. É uma qualidade fixada na representação, “é o objeto tal como o próprio signo o representa, e cujo ser depende assim de sua representação no signo” (PEIRCE, 2003, p. 177). O objeto imediato é a maneira pela qual o objeto mediato ou dinâmico, aquele que o signo substitui, se representa dentro do signo. Devemos,

distinguir entre o objeto imediato, isto é, o objeto como é representado no signo, e o objeto real (...), ou antes, dinâmico que, pela própria natureza das coisas, o signo não consegue expressar, podendo apenas indicar, cabendo ao intérprete descobri-lo por excelência colateral” (PEIRCE 1983, p. 111).

Na verdade, o objeto imediato do signo precisa do objeto dinâmico e dos interpretantes para se desvendarem aos intérpretes.

1.7 O OBJETO DINÂMICO

O **objeto dinâmico** é aquele ou aquilo que determina o signo e ao qual o signo se aplica. “É a realidade, que de alguma forma, realiza a atribuição do signo à sua representação” (PEIRCE, 2003, p. 177). O objeto dinâmico parece ser independente de nós. Para Peirce, o objeto dinâmico se refere também aos objetos imaginários ou fictícios (CP 8.314). Nesta definição, que parece ser a mais adequada, o objeto dinâmico não depende de divagações individuais; sabemos, inclusive, que os

conteúdos dos sonhos e imaginações não têm a força de regularizar-se ou permanecer.

Qualquer objeto material como por exemplo um website de uma mídia social, é convencional em sua representação e se não tiver uma informação que a explique pode ser denominada de hipo-ícone (PEIRCE, 2003). Os signos que são ícones, portanto, se expressam por sua qualidade e representam o seu objeto por similaridades, são hipo-ícones. Portanto, os hipo-ícones se dividem em imagens, diagramas e metáforas. Os que participam das qualidades simples, ou primeiridade, são imagens e se representam por igualdade; os que representam as relações, principalmente as diádicas, ou as relações que são assim consideradas, das partes de uma coisa através de relações análogas em suas próprias partes, são diagramas e se representam por semelhanças; os que representam o caráter representativo de um *representâmen* através da representação de um paralelismo com qualquer outra coisa, são metáforas. (PEIRCE, 2003, p.64) que se referenciam por meio de analogias. Em relação aos objetos os ícones sugerem por elementos de igualdade, os índices que indicam sugerem por semelhanças e os símbolos representam por elementos análogos, portanto por analogias.

1.8 O INTERPRETANTE

O terceiro correlato é o interpretante que é o efeito que o signo causa na mente do intérprete, uma significação. Um signo "... dirige-se a alguém, ou seja, cria na mente de uma pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo" (PEIRCE, 2003, p. 43). O interpretante, conforme Peirce (2003, p. 177), divide-se em interpretante imediato, dinâmico e final ou em si. Esse terceiro correlato do signo é o interpretante. Ele é o que atribui ao signo o poder de ser uma representação. O interpretante, de acordo com o sistema triádico de Peirce é composto por três classes mais desenvolvidas de interpretantes: o interpretante imediato, o dinâmico e o final.

1.9 O INTERPRETANTE IMEDIATO

O interpretante imediato “é uma propriedade objetiva do signo para significar, que advém de seu fundamento, de um caráter que lhe é próprio” (SANTAELLA, 2001, p.47), “é o interpretante tal como é revelado pela compreensão adequada pelo próprio signo, e que é normalmente chamado de significado do signo” (PEIRCE, 2003, p. 177). De fato, ele se refere ao sentido tal qual os autores do signo quiseram passar para o intérprete. A aparência do objeto imediato associado ao fundamento torna-se um signo, apto a ser observado por uma mente interpretadora, porém, ainda não é decodificado como tal. O interpretante imediato é a vaga qualidade da interpretação a ser produzida numa mente interpretadora qualquer; é aquilo que o signo pode despertar antes de chegar ao intérprete propriamente dito; é a potencialidade de interpretação. Peirce afirma que o interpretante imediato

É o efeito inanalizado total que se calcula que o signo produzirá ou naturalmente poderia se esperar que produzisse, o efeito que o signo produz primeiro ou pode produzir sobre uma mente, sem nenhuma reflexão sobre ele mesmo” (Peirce *apud* Nöth, 1995, p.77).

O interpretante imediato é a meta que o produtor do signo almeja atingir.

1.10 O INTERPRETANTE DINÂMICO

O interpretante dinâmico é o efeito concreto que o signo, enquanto signo, realmente determina (PEIRCE, 2003, p. 177). O interpretante dinâmico é o que realmente é produzido pela mente interpretadora. Sempre nos referimos a uma mente interpretadora porque a interpretação está além da mente singular de cada intérprete. E assim, o interpretante dinâmico é o que efetivamente pode ser produzido pelo signo em uma mente singular; é aquilo que o interpretante individualizado no ato da interpretação realmente observa. Em suas reflexões sobre os interpretantes, Santaella, em “Assinatura das coisas”, ao analisar o ato de interpretação, refere-se nitidamente ao interpretante dinâmico.

O que o intérprete faz ao receber o signo, é promover uma interpretação efetiva, singular, falível, psicológica, relativa. Cada interpretação singular, por cada intérprete singular, tem algo de irrepetível (o acontecimento que não volta mais), porém tem algo de geral e coletivo, o que faz a interpretação ser comunicável” (1992, p. 196).

Neste trecho podemos identificar claramente o interpretante dinâmico em ação e assim, efetivamente identificá-lo no processo mesmo da interpretação.

1.11 O INTERPRETANTE FINAL OU EM SI

Por fim, devemos voltar nossa atenção para o **interpretante final** em terceira ordem, já que, o interpretante dinâmico aparece em segunda ordem na ação entre o signo e a mente interpretadora no efetivo ato da interpretação. Se pudéssemos agrupar todas as interpretações de um signo, na singularidade das interpretações possíveis, encontraríamos o interpretante final daquele signo em certas condições determinadas.

É aquilo que seria finalmente decidido se a interpretação verdadeira e se a consideração do assunto fosse continuada até que uma opinião definitiva resultasse [...] aquele resultado interpretativo ao qual cada intérprete está destinado a chegar se o signo for suficientemente considerado. (CP 8.184).

O interpretante final, junto com os ideais últimos, é aquele que buscamos incessantemente e nunca se realizará por completo, pois senão o signo deixaria de ter vida e teria esgotado todas as suas possibilidades de interpretação.

1.12 IGUALDADE, SEMELHANÇA E ANALOGIA

Com base na tricotomia da teoria peirceana verificamos que nossa classificação para produzir o relacionamento entre os Deuses e as mídias sociais nos levam a observar as representações por igualdade, semelhança e analogia.

1.13 A AVALIAÇÃO POR IGUALDADE

A igualdade ocorre num processo no qual os signos coincidem com seus objetos e as interpretações mostram as qualidades iguais. A relação do signo com seu objeto, na igualdade, é fraca, e encontra-se no nível instintivo. Além disso, a avaliação por igualdade acontece em primeira ordem e pelas qualidades diretamente relacionadas.

As mesmas qualidades imediatas entre os signos e os objetos possibilitam que a avaliação aconteça por igualdade. A igualdade não diferencia as qualidades ela apresenta-se na unicidade e no potencial de representação geral no qual um contém a qualidade do outro.

As qualidades da igualdade se apresentam de modo universal por meio das propriedades de ser igual a si mesmo. Portanto, ela é autogerativa e aponta para si mesma. A igualdade deve ser entendida como mera possibilidade lógica de vir a representar, pois é extremamente geral e ampla o suficiente para relacionar as duas representações em questão.

A igualdade promove a manutenção de um efeito similar ao observado sobre as qualidades compositivas entre as representações realizadas que muitas vezes são provocadas por um sentimento. A igualdade ocorre num processo de iconicidade onde as representações apresentam qualidades coincidentes.

1.14 A AVALIAÇÃO POR SEMELHANÇA

A semelhança ocorre num processo de indicialidade entre as representações. As semelhanças estabelecem-se por características e qualidades ligadas. Elas, diferente da igualdade, se associam por qualidades particulares, não em sua totalidade. São elementos específicos que fazem as conexões. As relações de semelhança dependem da vivência dos interpretantes e, assim, se conectam por algumas qualidades que podem ser percebidas.

A avaliação por semelhança se faz pelos efeitos que causam e por similaridade entre as representações. Essas similaridades dependem do repertório dos interpretantes, portanto são singulares e se apresentam pelos efeitos similares que produzem. As semelhanças são determinadas por qualidades particulares comuns às duas representações. Ela promove a manutenção de um efeito similar ao revelado pelas qualidades existentes entre as representações comparadas. São qualidades comuns que se apresentam no processo de comparação.

1.15 A AVALIAÇÃO POR ANALOGIA

A analogia ocorre num processo de simbolicidade, intermediando a associação entre as diversas representações. Dos três níveis, este é o de maior domínio do conhecimento, pois é este que possibilita a sua constituição que acontece por convenção. Assim como na comparação por semelhança, o grau de avaliação por analogia depende mais intensamente do repertório cultural, que interfere nas manifestações. Na analogia os “valores culturais e leis estruturadoras de diferentes operações em diversos meios, aparentemente desconexas, porém, pertinentes em relação a um conceito, ideia, regra ou convenção, sugeridos” (LAURENTIZ, 1991, p. 140). De fato, a ideia sugerida associa manifestações que não possuem vínculos diretos, nem perceptuais ou físicos.

As avaliações em processos por igualdade são superficiais e geram ambiguidades; já no processo por semelhança as relações estão vinculadas a experiências particulares e ligações específicas e singulares; por fim, as interpretações por analogia são amplamente generalizadoras. A iconicidade se apresenta nas características coincidentes entre as manifestações; a indicialidade se mostra pelas características ligáveis e individuais, já a simbolicidade é o ato de ligação livre e independente por elementos que são convencionalizados.

CAPÍTULO 2: ODIN E A WEB

2.1 Os Deuses, as mídias e as semelhanças

Para tentarmos nos aproximar mais dos nossos objetivos de pesquisa, vamos aprofundar um pouco mais em algumas das deidades que serão protagonistas do nosso estudo. Optamos por trabalhar com os personagens mais relevantes e citados durante a narrativa, elencando a quantidade de vezes em que seus nomes originais ou atribuídos aparecem na obra, conforme o quadro abaixo.

Deus	Nome original	Nome atribuído	Número de ocorrências dos nomes dos deuses em suas diversas formas no transcorrer do livro Deuses Americanos.
Odin - Wednesday	14	425	439
Czernobog	128	0	128
Anansi - Nancy	119	1	120
Jacquel - Anúbis	58	8	66
Easter - Ostara	25	0	0
Bilquis - Rainha de Sabá	16	0	16

Ficamos então, com quatro deuses: Odin, deus todo poderoso da mitologia nórdica, citado 439 vezes na obra, Czernobog, o deus eslavo que representa o mal, aparecendo 128 vezes, Anansi, um dos deuses africanos mais trapaceiros que se tem notícia, com 120 aparições e Anúbis, o deus egípcio da vida após a morte, que apareceu 66 vezes. Também colocamos uma "cota" para as deusas, ficamos com as duas mais presentes: Easter e Bilquis, com modestas 25 e 16 aparições respectivamente. Coincidentemente ou não, a força feminina é tão pouco representativa na obra, quanto no comando das empresas de tecnologia

responsáveis pela gestão das mídias sociais do nosso mundo real - segundo os dados da Boston Group Consulting, elas representam menos de 9% dessa parcela⁸.

Antes de começar as nossas análises, gostaria de deixar claro para o leitor a escolha em trabalhar com o termo mídias sociais e não apenas com as redes sociais. Segundo Torres (2009, p.113): “Refiro-me às mídias sociais como o conjunto de todos os tipos e formas de mídias colaborativas”. Assim, fica claro que as redes sociais estão inseridas dentro das mídias sociais e que essas, são mais amplas, podendo ou não formar redes sociais. Outra informação relevante é o número de “fiéis” que frequentam nossas supostas deidades reconfiguradas. Na pesquisa mais recente publicada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, em 2020 o país chegou a 152 milhões de usuários. Com isso, 81% da população com mais de 10 anos têm internet em casa⁹.

2.2 Odin e a Web

Apresentado como Mr. Wednesday e mais tarde “revelado” como o deus mais proeminente do panteão nórdico, Odin é o grande responsável pelo recrutamento dos antigos deuses para a batalha e mais tarde, como já mostramos, o autor do golpe que quase enganou nosso protagonista e os deuses antigos e novos.

— Eu disse que eu contaria os meus nomes pra você. É assim que me chamam. Eu me chamo Feliz-com-a-Guerra, Sem-Coração, Agressor e Terceiro. Eu sou o De-Um-Olho-Só. Me chamam de Superior e de Adivinho-de-Verdade. Eu sou Grinnir, e eu sou o Encapuzado. Eu sou o Pai de Todos e sou Gondiir Que-Leva-a-Varinha. Eu tenho tantos nomes quanto os ventos, tantas denominações quanto maneiras de morrer. Meus corvos são Huginn e Muninn, Pensamento e Memória; meus lobos são Freki e Geri; meu cavalo é a força. (Deuses Americanos, p. 119).

⁸ Mulheres ocupam apenas 9% dos cargos em empresas de tecnologia. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/objetivo/empreenda-se/noticia/2021/05/25/mulheres-ocupam-apenas-9percent-dos-cargos-de-ceos-em-empresas-de-tecnologia.ghtml>.

⁹Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet>

As muitas facetas de Odin, citadas na sua "revelação" em *Deuses Americanos*, já haviam sido estudadas muitas vezes. No livro *O Mundo de Odin: Práticas, Rituais, Runas e Magia Nórdica no Neopaganismo*, de Diana Paxon, a autora discorre sobre os muitos nomes atribuídos ao deus dos deuses:

"[...]Odin tem muitos interesses. Aqueles que trabalham hoje com ele podem chamá-lo de "o Velho", ou, às vezes de "Seu Canalha". A questão de quantos nomes Odin realmente tem está na mesma posição que suas últimas palavras para Baldur: é uma das grandes perguntas irrespondíveis da tradição. Os aspectos de Odin que integram um ou outro "grupo de nomes" podem agradar mais a outra pessoa, mas nenhum deles deixa de ser Odin. (GAIMAN, 2016, P.119)"

Em mais pesquisas, o volume 1 de *Our Troth: History and Lore*, compilado por Kveldulf Gundarsson, também traz à tona o tema da migração dos deuses, abordada no livro de Gaiman. Odin fazia parte do panteão indo-europeu original ou migrou do Oriente Médio para o Norte e evoluiu, deixando de ser o deus da morte para se tornar o deus dos reis? Lyonel Perabo (2015), que trabalha com estudos escandinavos, respondeu essa pergunta caracterizando Odin como um "aspirador divino" que absorve poderes e características das divindades à medida que evolui. Até aqui, podemos entender que Odin é uma figura aglomeradora e em constante transformação, não necessariamente para o bem ou para o mal.

Uma avaliação por igualdade é relativamente simples de ser feita. Se é Odin o "pai de todos" e se descobrimos ao final da obra que, tanto antigos deuses como novos deuses caíram em sua teia de armadilhas. Podemos considerá-lo como o todo, a web. Dentro dele, cabem as novas redes sociais e aquelas que desaparecem ou são reconfiguradas de tempos em tempos. E assim como em suas histórias originais, onde passa longe de ser um deus benevolente:

"A personalidade de Odin é complexa como um ser humano qualquer. Igualmente, cada povo e cada época cultuava um aspecto do caráter de Odin. Assim, Odin era um guerreiro nos tempos da guerra, mas o curador, após a batalha. O senhor da vida quando as colheitas iam bem, mas o deus vingativo, se havia escassez de comida. Com a chegada do cristianismo, a tendência da Igreja foi demonizar a figura dos deuses e ressaltar apenas os aspectos negativos¹⁰."

¹⁰ Odin. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/odin/>. Acessado em 17 de janeiro de 2022.

A web ou a internet nos traz as mesmas sensações. Hora uma aldeia global, de infinitas possibilidades onde a informação está ao acesso de todos, ora a problemática da disseminação de uma cultura alimentar “enlatada” via redes sociais ou da visão de que *“não se tem mais novidades para conversar com pessoas que moram longe quando se encontram, já que por meio das redes sociais virtuais sabem sobre tudo que acontece com cada conhecido”*, ambas abordadas nos artigos apresentados no começo desta dissertação. Também não podemos esquecer das partes ainda mais nocivas, como a *deep web*, termo foi cunhado em 2001 pelo pesquisador Michael Bergman para descrever qualquer conteúdo que não aparecia em mecanismos de pesquisa como o Google ou o Bing, e conhecida como um ponto para a prática de uma série de atividades ilegais como venda de drogas, de órgãos, prostituição infantil e recentemente no Brasil, ganhou destaque por ter sido o local de organização do massacre na escola de Suzano*. Ao mesmo tempo que, esse mesmo local é usado por ativistas políticos e jornalistas sob censura para registrar fatos que não seriam divulgados por governos ditatoriais ou em zonas de guerra. Uma eterna dicotomia.

Abreviando algumas características que nos fizeram propor a relação de semelhança entre Odin e a Web:

- A perspectiva de "algo maior". Assim como Odin era o pai de todos os deuses, a web fica sendo o espaço de todas as redes e mídias sociais.
- Os usuários ou fiéis não entram em consenso: a internet é boa, mas é apontada como a causa de problemas mentais. Odin nos guia em batalha, mas nos castiga não provendo a colheita esse ano.
- Ambos comportam luz e sombra. Uma fornece ao mesmo tempo ferramentas incríveis e desastrosas para a humanidade, enquanto o outro oferece o paraíso - Valhalla - e ao mesmo tempo, pede os próprios humanos como sacrifício para que esse seja atingido.
- Odin é citado como um "aspirador divino", absorvendo os poderes e características das divindades ao seu redor. A web não é muito diferente, além de englobar os seus próprios elementos, tomou espaço do mercado de trabalho, da política, das mídias de comunicação e até do comércio, que virou *e-commerce*.

Uma vez que Odin e a Web são tão semelhantes, quase todas as características atribuídas às outras deidades se encaixam aqui. Então, agora vamos

trabalhar com critérios um pouco menos amplos, onde a análise de igualdade, semelhança e analogia possa ser feita de forma mais refinada. Odin em seu cavalo, Sleipnir, em um manuscrito irlandês do século 18:

Imagem 3- Odin em seu cavalo Sleipnir



Fonte: Site Det Kongelige Bibliotek

A ilustração de Odin publicada na tradução *Poetic Edda* em 1886, que serviu como inspiração para que J.R.R. Tolkien criasse o mago Gandalf, personagem da trilogia Senhor dos Anéis:

Imagem 4- Ilustração de Odin



Fonte: Site Vikings Brand

2.3 Anúbis e o Twitter

Nossa primeira deidade a ser analisada é o Sr. Jacquel, personagem que é dono de uma funerária onde vários momentos importantes da trama Deuses Americanos acontecem. Ele tem um sócio, Sr. Ibis, e representam respectivamente dois dos maiores deuses do panteão egípcio, Anúbis e Toth. O deus da morte e o deus do conhecimento. Ambos encontraram no serviço funerário americano, uma

forma de continuar exercendo suas profissões de origem. Como um deus da morte, o Sr. Jacquel não apenas era responsável pela "passagem" do plano humano para o espiritual, como também pelo julgamento da pessoa em questão. Shadow, nosso protagonista, é submetido em determinado momento da trama, ao julgamento da antiga religião egípcia:

— Então, é aqui que a gente vai descobrir o que eu vou receber? —
 Shadow sussurrou para Bast. — O céu? O inferno? O purgatório?
 — Se a pena se equilibrar — ela disse — você escolhe seu próprio destino.
 — E se não?
 Ela deu de ombros, como se o assunto a deixasse sem jeito. Então, disse:
 — Daí nós damos o seu coração e a sua alma para Ammet, o Comedor de Almas...
 — Talvez — ele disse. — Talvez eu consiga algum tipo de final feliz.
 — Não só não existem finais felizes — ela explicou a ele — como também não existe final nenhum.
 Em um dos pratos da balança, com cuidado e reverência, Anúbis colocou uma pena.
 Anúbis colocou o coração de Shadow no outro prato da balança. Algo se moveu nas sombras sob a balança, algo que deixou Shadow desconfortável demais para olhar muito de perto. Era uma pena pesada, mas Shadow tinha um coração pesado, e a balança pendia de um lado para o outro de maneira preocupante. Mas os pratos se equilibraram no final, e a criatura nas sombras desapareceu, insatisfeita.

(GAIMAN, 2016, p. 423)

Dentro da mitologia egípcia, o julgamento de Anúbis se dá como no livro analisado: o deus, que tem a cabeça de chacal, guia o morto pelo caminho do submundo até uma balança. Lá, o coração do julgado é colocado de um lado da balança, e a pena de *Maat*, que representa 42 pecados proibidos, é colocada na outra extremidade. Se o coração do julgado for mais leve que a pena, ele pode escolher seu destino. Se pesar mais, ele é devorado por um demônio chamado Ammit. Para quem já presenciou ou fez parte de um cancelamento na internet, não é difícil desvendar em qual rede social Anúbis se transformaria hoje em dia.

O Twitter é uma rede social ou micro blog para comunicação em tempo real. Segundo o próprio site da empresa, trata-se de “[...]um serviço aberto que abriga um

mundo de diversas pessoas, perspectivas, ideias e informações” (Rede Twitter)¹¹. A rede social, fundada nos EUA existe desde 2006. Em 2008, ela ganhou popularidade no Brasil e conta com cerca de 316 milhões de usuários ativos todos os meses. Recentemente foi destaque em todos os canais de comunicação por banir permanentemente o perfil do então presidente dos EUA Donald Trump, alegando risco de incitação à violência. A palavra *Twitter* é de origem inglesa e tem dois significados: “uma pequena explosão de informações inconsequentes” e “pios de pássaros”. Não por acaso, o logo da rede social é um pássaro.

Embora existam mais de 1,3 bilhões de contas no Twitter, segundo artigo do Kinsta, existem apenas cerca de 335 milhões de usuários ativos por mês. Cerca de 46% deles usam o site diariamente. No entanto, isso não significa que todos estão a enviar Tweets. De fato, um estudo de 2014 concluiu que 44% dos “utilizadores” do Twitter nunca enviaram um único Tweet. O Twitter é bem conhecido como uma fonte de notícias, e a razão disso é que jornalistas são incrivelmente ativos na rede. Outro diferencial da rede social é que ela é uma plataforma adotada por líderes mundiais, 83% deles tem contas oficiais no site. Um levantamento realizado pela Statista, em 2020, mostrou que atualmente o Twitter conta com 14,1 milhões de usuários brasileiros cadastrados e a projeção é de que esse número aumente para 18,6 milhões até 2026. O Brasil ocupa a 4ª posição de países que possuem uma audiência Twitter extremamente ativa e engajada.

Falando em perfis, outro levantamento da Statista, realizado em fevereiro de 2020 mostrou que o padrão de usuários segue o modelo americano: 63% dos usuários brasileiros eram homens enquanto apenas 37,1% eram mulheres. Entendemos que o Twitter é uma rede social popular, mas não tão usada quanto suas concorrentes, uma vez que a maioria de seus usuários nunca criou um post sequer. Mas, em que momento conseguimos fazer a associação com o deus Anúbis? Que semelhança além do número relevante de fiéis seguidores (apesar de não tantos quanto os outros deuses) ou de fiéis/usuários ativos nos permitem tal aproximação? Ao que constatamos, não é exatamente sobre o número de usuários em si, mas sobre o comportamento de ambos.

¹¹ Informação obtida no site oficial. Disponível em: (<https://about.twitter.com/en/who-we-are/our-company>). Acessado em 16 de janeiro de 2022.

Os antigos costumes do mundo vêm se desconstruindo em longos e dolorosos passos. O racismo passa a ser a cada vez menos tolerado, piadas sobre os hábitos antigos dados às mulheres já não têm mais graça e o bullying online vem sendo combatido por diversas redes sociais. Mesmo assim, há quem faça comentários desnecessários na internet propositalmente, seja para chamar a atenção ou por querer manifestar seus pensamentos, e há quem seja contra a ideia de desconstrução social e tem dentro de si ideais enjaulados que parecem nunca ter acesso à modernização - olá Peirce e o método da tenacidade. Em ambos os casos, a internet se tornou uma grande justiceira e uma nova forma de justiça social surgiu: a cultura do cancelamento.

Cancelar uma pessoa virou uma prática usada por muitos nas redes sociais nos últimos anos, e "cultura do cancelamento" foi eleito como o termo do ano em 2019 pelo Dicionário Macquarie, que todos os anos seleciona as palavras e expressões que mais caracterizam o comportamento de um ser humano. Com frequência, no Twitter, vemos diversos famosos ou influenciadores digitais serem "cancelados", ou seja, sendo excluídos da sociedade para determinado grupo de pessoas, que não permitem que as mesmas sigam suas vidas sem a devida punição. Algumas vezes é temporário, outras vezes a pessoa cancelada precisa mudar, pelo menos exteriormente, para ser aceita novamente. E pessoas anônimas não estão livres do tal "linchamento virtual". Ele também acontece com frequência.

Uma pessoa ser cancelada significa que ela fez ou disse algo errado, que não é tolerado no mundo de hoje, em que muitas pessoas passaram por essa desconstrução social. Algumas vezes, não é tolerado apenas por um grupo específico, mas esse grupo tem força ou representatividade o suficiente para seguir com o cancelamento. Algumas pessoas, no entanto, possuem vivências diferentes e não conseguiam enxergar seus erros antes de terem sido rechaçadas na internet, sendo então essa punição uma maneira de educar. Esta forma de cancelamento pode gerar debates sobre racismo, preconceitos com determinadas classes sociais, xenofobia, homofobia, entre outras intolerâncias. Mas o ato de cancelar também pode acontecer com coisas banais, como falar mal de uma cantora pop muito famosa ou dizer que não gosta de algo muito popular.

Outro aspecto que vem crescendo na rede é a demanda pelo o que se entende popularmente por politicamente correto e a cultura do cancelamento. Fora do Brasil, a ideia de cancelar, ou boicotar virtualmente celebridades ou subcelebridades veio

com a campanha #METOO em 2017, que buscava denunciar atores que cometeram crimes de abuso sexual. O conceito perdura até hoje e já atingiu muitos artistas e produtores. A cultura do cancelamento no Twitter, apesar de nociva, é consequência de um usuário cada vez mais ativo e de um público mais jovem que coloca em pauta na plataforma, temas políticos e sociais. Esse público pode ser notado através de dados do próprio Twitter divulgados em 2015, no qual a faixa-etária da maioria dos usuários vai dos 21 aos 44 anos. Segundo, Philip Klien, diretor de estratégias de expansão do Twitter Brasil, a plataforma recebe cada vez mais jovens desde 2016.

A estratégia do cancelamento – também característica de grupos minoritários que boicotam empresas, artistas, ou mesmo sujeitos que cruzam o limite do politicamente correto. Deixando de consumir seus produtos ou simplesmente parando de seguir suas contas, nas redes sociais, tais grupos eclipsam o vulto desses sujeitos, forçando-os a uma revisão de suas atitudes, ao preço de caírem no ostracismo, em esquecimento.

Abreviando algumas características que nos fizeram propor a relação de semelhança entre Anúbis e o Twitter:

- O julgamento onde um coração é pesado contra uma pena e decide a sua vida pode parecer injusto, assim como o "linchamento virtual" por um comentário que pode apenas ter sido mal interpretado.
- Ao mesmo tempo, ser julgado por não cometer pecados como matar e roubar (que estão entre as 42 perguntas que a pena de Anúbis representa) ou acabar com a "impunidade" de celebridades ou pessoas que acham que podem falar o que querem e disseminar preconceito ou racismo, parece justo.
- Ambos são representados com características animais. Anúbis, com sua cabeça de chacal, atribuída ao comportamento das matilhas de cães que para os antigos egípcios* "guardavam" os cemitérios. E o Twitter, caracterizado pelo passarinho e seu som para espalhar novidades.
- Ambos fascinam seus fiéis e usuários com a sua forma de cancelamento. Entre as centenas de deuses egípcios, Anúbis é um dos mais conhecidos e sua função é unicamente conduzir (ou não) seu fiel ao paraíso, ou seja, dentre todas as histórias possíveis da época, essa foi a que se manteve viva, sendo recontada pelo povo, pelos historiadores e até no currículo escolar quando estudamos civilizações antigas. No Twitter, o usuário não só pode comentar a história como também fazer parte dela, cancelar ao vivo junto com o deus Anúbis, se assim julgar pertinente.

Ao ler os conteúdos sobre a mitologia egípcia, a impressão de um povo arcaico, com ideias um pouco absurdas pode vir à mente. Um coração sendo pesado contra uma pena, um monstro que devora quem não tem alma pura, um humano com cabeça de chacal. Mas, será que são tão distantes assim? Não poderia Anúbis ter escolhido um animal um pouco mais simpático do que o chacal para seguir sendo adorado e propagar o seu "cancelamento" do paraíso em doses mais frequentes? Não seria o "banimento" da internet o banimento de um lugar onde a pessoa gostaria de estar, assim como nas lendas egípcias? Não seria um comentário infeliz, um pecado tão fácil de cometer quanto algum dos 42 pecados egípcios? Entendemos que sim, e cabe ao leitor concordar ou não com essa avaliação em semelhança.

Anúbis fazendo o ritual da balança, em uma sessão do Livro dos Mortos no Papiro de Nani 1040 a.c - 954 a.c.

Imagem 5- Anúbis realizando o ritual da balança



Fonte: Site Infoescola

Anúbis fazendo seu ritual de passagem na série *American Gods*, exibida pela plataforma *Amazon Prime* em 2020.

Imagem 6- Anúbis e o ritual de passagem na série *American Gods*



Fonte: Episódio 3, T1. *American Gods*, site Amazon Prime

2.4 A Rainha de Sabá e o Tinder

Num subcapítulo, intitulado “Algum lugar nos Estados Unidos” (Los Angeles, 23h26), aparece Bilquis, uma prostituta indizível que prefere a idolatria ao dinheiro do seu cliente. Na descrição de Gaiman (2016, p. 40), trata-se de “uma mulher alta vestida de forma caricata, com um short de seda apertado e uma blusa amarela que deixa seus peitos empinados. O cabelo preto está enrolado e preso no alto da cabeça”.

Num “quarto vermelho-escuro - a cor das paredes parece fígado cru” (IBIDEM), ela negocia seu preço, o qual consiste na adoração explícita pelo cliente, o qual é, ao longo de uma relação sexual, abduzido para o interior do corpo da mulher/deusa, que

toma proporção gigantesca e assustadora. Após engolir a presa, Bilquis se recompõe, atende ao celular Nokia do cliente e desconversa sobre o paradeiro da vítima: “Alô? Não, bem, ele já foi embora”. (GAIMAN, 2016, p. 44).

Bilquis é impetuosa e ao mesmo tempo, tem seu narcisismo declarado na necessidade de ser chamada de deusa. Durante a leitura, foi necessário recorrer à Internet para entender seu referencial mitológico. No banco de artigos *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), um estudo foi esclarecedor sobre a personagem reeditada por Gaiman. Conforme, Venchi (2008, p. 175),

Bilqis^[1], é mais conhecida como a “Rainha de Sabá”, personagem bíblica que visitou a Corte do rei Salomão (...) interpretada como uma missão diplomática para garantir rotas comerciais, **segundo a hipótese moderna da visita, registrada pelos cronistas bíblicos e reformulada posteriormente por escritores judeus e muçulmanos para acomodarem valores contemporâneos e preocupações sociais redefinidas**. Nas fontes medievais, a narrativa assumiu um tom alegórico, representando a perigosa tentativa de transgressão às regras sociais e papéis de gênero, na qual a hegemonia masculina teria sido testada por uma mulher extraordinária. **Muçulmanos e judeus teriam reescrito a história retratando-a como uma “força demoníaca”** (grifos nossos).

No mesmo artigo, a impossibilidade de uma mulher ser elevada à condição de sagrada é trazida, de certa forma, o estudo evidenciou que Bilqis não se contentou com o reinado, não aceitou as marcas corporais, que a impediam de ser idolatrada, nas palavras de Venchi (2008, p.173),

Não existe forma feminina para as palavras imame^[2] e ‘al-khalifatu’ (o califa), as duas palavras que envolvem poder na língua árabe, idioma no qual o Alcorão foi revelado. Pressupõe-se que nenhuma mulher tenha legitimidade para ser a califa, a líder espiritual suprema da Ummah, tampouco para assumir outras funções políticas que detêm o poder da retórica sagrada. Por outro lado, existe o feminino de rei (malik – malika), um cargo profano, ou título de nobreza. Quando na mão de mulheres, o poder só teria sido dado a partir do consentimento dos homens, à exceção da chefe de Estado Bilqis, conhecida popularmente como a “Rainha de Sabá”, anterior ao Islamismo.

Em suma, foi mergulhando na metáfora que Bilquis chega à idolatrada, no texto de Gaiman. As descrições que envolvem o cenário, o tempo e o espaço dessa personagem no texto, já serviram para anunciar o horripilante, prenunciando o fantástico. Visto que, se somados os algarismos que compõem a hora do encontro, 23h26 teremos o número 13, segundo do *‘Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números’*, de Chevalier e Gheerbrant (2018, p. 902-903),

Desde à Antiguidade, **o número 13 foi considerado mau agouro** (...) A Cabala enumerava 13 espíritos do mal. O 13.º capítulo do Apocalipse é o do Anticristo e da Besta. O décimo terceiro em um grupo, no entanto, também na Antiguidade, aparece como o mais poderoso e o mais sublime. Esse é o caso, de Zeus, no cortejo dos doze deuses, no meio aos quais se assenta, ou caminha como um décimo terceiro, segundo Platão e Ovídio, distinto pela sua superioridade (grifo nosso).

Se pensarmos em Los Angeles, nos EUA, e no fato de que, na maioria dos edifícios, não realizarem a contagem do 13º andar, esse prenúncio apocalíptico no texto de Gaiman é notório. Além disso, as paredes do quarto de Bilquis foram descritas como vermelho-escuro cor de fígado cru, e consultando o mesmo Dicionário de Símbolos (2018), verifica-se que o fígado e o fel são tomados como termo complementares, ou seja, produzem efeitos juntos, “o fígado é comumente associado às comoções da cólera, e o fel à animosidade e as intenções deliberadamente, venenosas, o que explica o sabor amargo da bÍlis (...) O Islã atribui ao fígado às paixões, e ao fel, a dor (IDEM, 427). Bem mais adiante na leitura, no capítulo Interlúdio, a ressignificação dessa deidade começa a ficar mais clara, na medida que o autor apresenta a grandiosidade de sua antiga figura:

A rainha de Sabá — meio-demônio, como diziam, do lado do pai, mulher bruxa, sábia e rainha, que governou Sabá quando ainda era a terra mais rica que existia, quando suas especiarias, suas pedras preciosas e suas madeiras perfumadas eram levadas em barcos e em lombos de camelo para todos os cantos da terra, que era adorada mesmo quando estava viva, adorada como deusa pelo mais sábio dos reis — está parada na calçada do Sunset Boulevard às 2h da manhã, olhando para o trânsito sem enxergar, como uma noiva de plástico vagabunda em um bolo de casamento em preto e néon. Ela fica parada como se fosse dona da calçada e da noite que a cerca. (p. 325)

E compara essa mulher bruxa, conquistadora, com a nossa personagem enfraquecida, mas com os mesmos ideais de conquista e necessidade de fiéis que a idolatrem.

*Bilquis passou a última semana dentro de casa. Incapaz de ficar na calçada, ela se aninhou na cama do quarto cor-de-figado cru, ouvindo a chuva tamborilar na caixa de metal do ar-condicionado da janela e colocando anúncios pessoais na internet. Deixou seus convites no adultfriendfinder.com, no LA Escorts e no woodbabes.com, com um e-mail anônimo. **Ela se orgulhava de negociar nos novos territórios**, mas continuava nervosa — passou tempo demais tentando evitar qualquer coisa que se assemelhasse a uma trilha de papel. Bilquis nunca tinha colocado um anúncio pequeno nas últimas páginas do jornal LA Weekly, preferindo escolher seus próprios clientes, para descobrir pelo olhar, **pelo cheiro e pelo toque aqueles que vão adorá-la**. (p. 325, grifo nosso)*

A obra que estamos analisando é de 2001. Mas acredito que não seja difícil imaginar qual seria o aplicativo que essa deidade usaria em 2021: o Tinder. Para o leitor que não está familiarizado, o Tinder, segundo dados do site de consultoria Apptopia, é o aplicativo de paquera mais baixado do mundo. Em uma publicação recente intitulada "Tinder: uma etnografia sobre encontros, socialidades e experimentações de si" a antropóloga Sheila Cavalcante dos Santos elencou alguns motivos pelos quais as pessoas consideravam o aplicativo como uma opção para a busca de parceiros sexuais, afetivos ou amorosos.

"Verifiquei que, para aquelas pessoas, o Tinder figurou como uma alternativa a mais e um meio ativo nos devires da busca pelo outro. Entre vários fatores, a busca articulava expectativas de afinidade e reciprocidade, valorização da autonomia e da escolha, além de dimensões da experimentação de si, do outro e do próprio artefato tecnológico" (SANTOS, 2021).

Além disso, ao abordar os algoritmos que compõem o programa enquanto aspectos culturais compostos por práticas humanas coletivas, ou seja, concretizados a partir das práticas usadas pelas pessoas para se engajarem com eles, ela concluiu que é possível encarar o Tinder como um ambiente dotado da intenção projetada de estimular a descoberta social online, cujo significado simbólico marcante alude à busca e ao encontro afetivo-sexual. A facilitação do contato, da expressão de si e da autorrevelação para um outro que provavelmente não se encontraria sem a mediação

tecnológica são marcas características do aplicativo para os/as usuários/as entrevistados nesse estudo.

Ainda para fins de contexto, segundo as informações da própria empresa, o Tinder tem 340 milhões de usuários. O aplicativo teve um crescimento de 200% registrado durante a pandemia, quando o Tinder "liberou" várias funções pagas de geolocalização para que os usuários pudessem paquerar pelo mundo todo, ao invés de "apenas na sua região", como era o padrão do aplicativo¹². Outro dado bem interessante é que um dos perfis ao qual é atribuído esse crescimento, são mulheres com menos de 30 anos. Elas são quase 40% do boom de novos usuários no período de pandemia. A nossa associação da Rainha de Sabá ao Tinder deu-se por uma série de motivos. Não podemos ignorar o fato de que a maioria dos registros que conseguimos encontrar sobre a mesma hoje, vem de historiadores bíblicos e não de seu povo original - e que não é de todo espantoso que a figura de uma mulher negra e poderosa, porém solteira, seja retratada com ares de libertina ou de "demoníaca". Cleópatra passou por algo parecido, mas seu embranquecimento, que já foi tema de uma série de estudos¹³, e a eternização da sua figura na atriz Elizabeth Taylor em um romance Hollywoodiano a afastaram da associação. Além da versão cristã da Rainha de Sabá, Neil Gaiman certamente quis fazer referências às lendas judaicas e árabes antigas, onde a personagem poderia ter alguma ligação a seres sobrenaturais, até mesmo sendo uma criatura meio demônio, meio mulher. Talvez por ter se tornado uma mulher muito poderosa para sua época.

Segundo a história apresentada em *Deuses Americanos*, Bilquis era adorada todas as noites em rituais que sexuais, o que garantiam seu poder e longevidade. O sexo ritualístico é relativamente comum em religiões pagãs, na antiga Mesopotâmia¹⁴, por exemplo, a sexualidade era relacionada ao mundo divino. O fato

¹² Durante a pandemia cresce o número de interações em aplicativos de relacionamentos. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/durante-isolamento-apps-como-tinder-e-happn-registram-aumento-nas-interacoes/>. Acessado em 16 de janeiro de 2022.

¹³ Anderson Ribeiro Oliva - Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018.

¹⁴ Quando os deuses copulavam: a sexualidade da deusa Inanna no Antigo Oriente Próximo. Simone Aparecida Dupla

¹⁵ Como funcionam os sites de namoro católico? Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2018/04/10/site-namoro-catolico/>. Acessado em 5 de janeiro de 2022.

desta divindade, no "mundo atual" se manter escondida através da prostituição é uma das maneiras que ela encontrou para conseguir ser venerada com frequência, tornando os homens que se relacionam com ela em possíveis veneradores e, dessa maneira, preservar seu poder.

Abreviando algumas características que nos fizeram propor a relação de semelhança entre Bilquis e o Tinder:

- A territorialização ou geolocalização é parte essencial em ambos. A Rainha de Sabá na conquista por territórios e o Tinder, na conquista dos relacionamentos;
- Os símbolos. No quarto de Bilquis temos dois elementos bem presentes, o vermelho e as velas. Ambos comumente associados a rituais de fertilidade. O símbolo do aplicativo Tinder é uma chama em um fundo vermelho;
- A efemeridade das relações. Assim como Bilquis não está interessada em relacionamentos amorosos e sim em novos adoradores, apenas 7% dos *matches* no Tinder são correspondidos, segundo a plataforma;
- A demonização partindo da visão cristã. Assim como uma mulher poderosa só poderia ter "pacto com o demônio" na visão dos historiadores cristãos, o uso de aplicativos de paquera é mal-visto pela igreja, que condena as mulheres por usarem sua aparência como uma vitrine ou buscarem algo que não seja um "namoro santo";
- Talvez a mais óbvia, a associação com a sexualidade. Assim como uma deusa da fertilidade é associada aos rituais sexuais, o Tinder, por mais que seus usuários garantam que "é mais do que isso", é visto como um aplicativo para encontros sexuais.

Um adendo interessante, apesar do julgamento em 2018 a igreja católica criou seu próprio aplicativo de paquera¹⁵, apenas para pessoas que "vivem realmente o catolicismo, nas palavras de seus fundadores.

A associação entre os dois signos foi feita por indicialidade, portanto por semelhança. Destacam-se as características particulares da deusa da fertilidade, das conquistas e dos relacionamentos com as características do Tinder que busca relacionamentos amorosos. Portanto, a associação entre a deusa Bilquis e Tinder se dá pelas características de interações sexuais que as duas representações provocam.

Imagem 7- A Rainha de Sabá ilustrada no *Speculum Humanae Salvationis* em 1430



Fonte: Site Rainhas Trágicas

A Rainha de Sabá, embranquecida e "ao encontro" do Rei Salomão, em uma pintura mais recente, no século XIX.

Imagem 8- Rainha Sabá



Fonte: Site British Museum

2.5 Easter ou Ostara e o Instagram

Ester é uma das deusas antigas, migradas. Ela é descrita como uma mulher volumosa, com cabelos muito loiros e lábios pintados de vermelho, que aparenta ter entre 25 e 50 anos de idade. Além disso, ela mora na cidade que é considerada o um dos berçários *hipsters* americanos, a cidade de São Francisco. Hipsters são, segundo a revista New York, uma subcultura que teve seu auge entre 1999 e 2009 e inclui uma dimensão da cultura jovem dos anos noventa, muitas vezes chamada de alternativa ou *indie*, que se definia por sua rejeição ao consumismo.

Mais tarde, foram classificados como pessoas que gostam de contrariar as convenções sociais, prezam pela produção e crescimento local e são contra o chamado *mainstream*, palavra inglesa que é usada para descrever "tendências populares". Além de São Francisco, cidades como Chicago e Nova Iorque também poderiam ser o lar de Ester, já que segundo a NPR.org, possuem as maiores concentrações desse público na América.

Na mitologia, segundo o livro *Looking for the Lost Gods of England (1994)*, onde ela também é chamada de Eostre, Eostrae, Eastre, Ostara e Austrá, Easter é uma deusa anglo-saxã e a tradução de seu nome seria algo como "deusa da aurora". Segundo a publicação, um festival em sua homenagem era comemorado pelos antigos nórdicos no dia 30 de março - o *sabbath*, muito próximo do equinócio. Mais tarde, a religião Wicca absorveria a celebração em homenagem à deusa para a data exata do equinócio, associando-a com símbolos de renascimento e fertilidade como ovos e lebres. Algumas centenas de anos adiante, o cristianismo passaria a utilizar uma data próxima para a Páscoa. Vale destacar que não existem registros de Ester, nem imagens, esculturas ou lendas que associam a deusa com lebres, coelhos ou ovos.

Como mostramos no resumo da Obra, Odin tem um sério problema com a deusa, aparentemente muito tranquila e satisfeita com a "ressignificação" de seu feriado, que deixou de ser uma celebração da colheita e passou a ser uma data para presentear crianças com chocolates e pelúcias de coelhos. O que interessa afinal, se aplicaram alguns filtros e mudaram o formato original? A data continua sendo dela, não é mesmo? As pessoas continuam adorando a Páscoa. Como uma boa hipster,

Ester não tem problemas em adaptar o que ficou muito *mainstream*, mas sua ambição em ser adorada pela massa a impede de ser uma hipster legítima.

Nessa dissertação, associamos a deusa Easter ao Instagram, uma rede social online, que surgiu para o público no dia 6 de outubro de 2010, considerando a função que ponderaram ser mais acessível: a fotografia (PIZA, 2012). A ideia era resgatar a nostalgia cunhada pelas *Polaroids*, máquinas fotográficas que revelam instantaneamente as fotos. Segundo seus fundadores, entre eles o brasileiro Mike Crieger, o Instagram já surgiu como uma adaptação de outro aplicativo, o Burbn, que era uma rede social para compartilhamento de fotos e planos para o final de semana e que acabou sendo considerada complexa demais para a época.

Aqui no Brasil, nem de longe o Instagram foi a primeira plataforma para compartilhamento de fotos: tivemos o Flogão criado em 2004, uma espécie de microblog com foco em compartilhamento de imagens do dia a dia, além do Orkut - também em 2004, com uma experiência ainda mais simplificada para postar imagens e em 2007 recebemos o Tumblr, outro microblog, onde já existia a funcionalidade de seguir outros usuários e onde se criou uma estética específica, a Tumblr Girl¹⁵, usada para designar um estilo de vestimenta, maquiagem, decoração e até de alimentação específicos que compunham a estética da plataforma. Basicamente, garotas magras e jovens, usando suéteres confortáveis e tomando Starbucks em algum quarto milimetricamente decorado na Europa.

Imagem 9 - Imagem da pasta "Tumblr Girl Asthetic"

¹⁵ Informação obtida na Revista Marie Claire. Disponível em: <https://revista.marieclaire.globo.com/Moda/noticia/2022/01/twee-e-tumblr-girl-volta-da-estetica-da-internet-dos-anos-2010.html>



Fonte: Pinterest

O Instagram talvez tenha feito um mix de todas as plataformas anteriores, mas de forma mais organizada. Uma readaptação, assim como Ostara e seus feriados. E, assim como Ostara "ignora" o fato de que a Páscoa foi transformada em um feriado cristão, os usuários do Instagram também tendem a tapar os olhos para algumas realidades, em busca do filtro, do feed e do corpo perfeito.

Em maio de 2020, a revista Elle, reconhecida como uma das revistas de moda mais lidas no mundo, lançou uma matéria polêmica: "Os filtros do Instagram estão mudando a nossa aparência na vida real?"¹⁶, onde especialistas relatavam o comportamento de vários usuários que enxergavam em suas fotos com filtro na rede social uma versão melhorada deles mesmos, e investiam em procedimentos estéticos para chegar naquele modelo, ou em casos mais graves, desenvolviam transtornos de imagem e depressão. A "vida falsa" do Instagram também já foi tema de uma série de matérias e reportagens¹⁷, que aponta os *influencers* da rede como apresentadores de uma vida falsa, sempre feliz, de um corpo inatingível, além da ostentação de bens que estão muito fora da realidade da maioria da população brasileira. Ao mesmo tempo, temos uma série de estudos que mostram a toxidade da rede social para os

¹⁶ Matéria polêmica da Revista Elle. Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>

¹⁷ Matéria "Vida perfeita em redes sociais pode afetar saúde mental". Disponível em: <https://agencia.brasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/vida-perfeita-em-redes-sociais-pode-afetar-saude-mental>

próprios influencers, que tem a vida invadida e criticada. Não é incomum¹⁸ ver jovens influencers, magras, com menos de 30 anos, se submetendo a cirurgias plásticas para corresponder aos padrões de beleza exigidos pela plataforma e seus seguidores. Mesmo com tantos poréns, o aplicativo tem mais de 1 milhão de downloads e figura a lista dos mais baixados do mundo. Aqui no Brasil, segundo os dados da Usemobile, ele figurou o topo da lista por muito tempo e atualmente, disputa mês a mês com o chinês *Tiktok*¹⁹.

Abreviando algumas características que nos fizeram propor a relação de semelhança entre Easter e o Instagram:

- A Páscoa não é nenhuma novidade, já foi chamada de equinócio, *sabbath* e teve uma infinidade de festivais da primavera. Assim como uma rede social de fotos não é nenhuma novidade, mas é o Instagram que as pessoas celebram hoje.
- Assim como Ostara não se importa em ter seu feriado "maquiado" pelos católicos, os usuários da nossa rede social também não se importam em fotos com filtros e com as vidas completamente descoladas da realidade que são exibidas nas redes.
- Ostara apropriou-se de uma série de símbolos que não eram necessariamente dela, chocolates, ovos coloridos, ressurreição do deus cristão. Assim como o Instagram se apropriou de uma série de formatos, como o feed do Tumblr, os stories do antigo rival *Snapchat*, a popularização da palavra *selfie* e atualmente, o formato de vídeos narrados do atual concorrente TikTok.

Os símbolos associados a Ostara e ao Instagram acontecem por analogias e por valores culturais que convencionalmente são relacionados. A Páscoa se vincula à ressurreição de Cristo. O nome Páscoa é de origem hebraica, da palavra *Pessach* que significa “passagem”, e leva esse nome pois antes de ser a festa da ressurreição, marcava o final do inverno e a chegada da primavera. Ostara, no mundo pagão é

¹⁸ Matéria “Blogueiras magras fazem lipo por dinheiro e alimentam padrão insano de beleza. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/atitude/blogueiras-magras-fazem-lipo-por-dinheiro-e-alimentam-padrao-insano-de-beleza-44620>. Acessado em 5 de janeiro de 2022.

¹⁹ Matéria “aplicativos mais baixados”. Disponível em: <https://usemobile.com.br/aplicativos-mais-baixados/>. Acessado em 5 de janeiro de 2022.

considerada a Deusa da Primavera. Todos os relacionamentos que acontecem entre a Deusa Ostara e o Instagram acontecem por analogias.

Imagem 10- Ostara em uma reportagem sobre a "Origem da Páscoa" em 1903



Fonte: Site Germanic Mythology

Imagem 11- Oferenda para Ostara



Fonte: Facebook/Aliança Wicca

2.6 Czernobog e os Trolls

Em Deuses Americanos, Czernobog é um dos Deuses Antigos, apresentado como um senhor amargurado e ranzinza. Em muitos trechos do livro, ele alega sentir falta do irmão. Czernobog é apresentado com seu nome original, é o deus da morte e da escuridão na mitologia eslava, e era sempre representado junto ao irmão, Bielobog, que representava o bem e a vida. No livro esse irmão já foi esquecido pelos fiéis e "morto" muitos anos atrás.

Eu tenho um irmão. Dizem que, quando estamos juntos, somos uma pessoa só, sabe? Quando éramos jovens, os cabelos dele eram muito louros, muito claros, os olhos eram azuis, e o pessoal falava que ele era o irmão bom. E

os meus cabelos eram bem escuros, mais do que os seus, e o pessoal dizia que eu era o vagabundo. Eu era o irmão o ruim. E agora o tempo passou, meus cabelos ficaram brancos. Os dele também, acho. E você olha pra gente, e não sabe qual era louro e qual era moreno. (DEUSES AMERICANOS, 2001).

Existem poucas fontes históricas sobre Czernobog, elas remontam ao século 12 e são de origem cristã. Encontramos algumas referências no site tvtropes.org e nessas fontes, Czernobog é o deus da morte, caos e azar, encarnando toda a maldade existente no mundo e considerado o responsável pelas tragédias e infortúnios. Embora possamos simplificar e considerá-lo como o equivalente ao Satanás na antiga cultura eslava, entende-se que ele não tinha o mesmo significado que o diabo tem para os católicos. Assim como outras religiões, a mitologia eslava respeitava o equilíbrio entre o bem e o mal, acreditando na necessidade da escuridão como parte da natureza mas tendo esperança que a luz irrompesse entre as sombras.

Com a falta desse irmão que trazia o equilíbrio ao *Yin-Yang* eslavo, ficamos apenas com a parte ruim. E a web também tem uma zona dessas, conhecida apenas pela parte negativa. Ao contrário da *deep web*, que apareceu anteriormente no domínio da associação de Odin, onde existem muitos pontos negativos, mas, existem algumas partes boas que justificam sua existência, os Trolls são normalmente, apenas a parte podre das mídias sociais.

O termo troll é utilizado para caracterizar indivíduos que costumam fazer comentários maldosos ou fora de contexto em conversas, lives ou discussões em comunidades online. O comportamento do troll costuma ser postar mensagens para chatear perturbar o grupo em questão. O termo surgiu na Usenet²⁰ a partir da expressão *trolling for suckers* (em português, "lançando a isca para os trouxas"). Como mostramos no capítulo "O autor", o próprio Neil Gaiman foi vítima de trolls brasileiros durante a divulgação de um novo trabalho.

O impacto dos Trolls, algumas vezes ultrapassa o ambiente digital em questão. Em meados de 2007 aparece uma das primeiras matérias de "suicídio induzido por Trolls", da jovem Megan Meyer de 13 anos, que sofria com baixa-autoestima. O gatilho foi um suposto "amigo" que passou a xingá-la publicamente de gorda e vagabunda em sua página do MySpace²¹. Após o ocorrido, Tina Meier, mãe de

²⁰ Uma das mais antigas redes de computador ainda em uso, constituída por fóruns de discussão de texto organizados por tópicos.

²¹ Uma rede social americana que surgiu em 2003, similar ao Facebook que conhecemos hoje.

Megan, descobriu que o tal garoto não existia. O perfil, falso, havia sido criado por uma vizinha e um empregado, de 18 anos, com objetivo de atingir a menina.

No estudo "A influência das redes sociais nos casos de suicídio entre jovens e adolescentes brasileiros e o seu aumento durante a pandemia", publicado em 2020²², o seguinte trecho mostra a gravidade da situação:

As mídias sociais, em razão da capacidade de compartilhamento e interatividade, modificaram as formas de relacionamento entre jovens e adolescentes. Ao proporcionar, por meio de sites e aplicativos, ambiente de encontro entre indivíduos vulneráveis, se tornam fatores de risco para a saúde mental e o comportamento suicida. Jovens com transtornos mentais são usuários contínuos de redes sociais. Além do mais, conteúdos sobre práticas suicidas são postados em blogs e fóruns on-line, reforçando as ideias suicidas e a afetividade negativa de pessoas fragilizadas (VEDANA, 2018).

O estudo ainda vai destacar que, ao contrário das agressões pessoais que são esquecidas com o tempo, o comportamento dos trolls, que envolve disseminação de calúnias, injúrias ou informações nas mídias sociais, vem com mais um peso, a dificuldade/impossibilidade de tirá-las de circulação, conferindo um aspecto perene a estas agressões. Sendo assim, a pessoa que sofre o ataque não consegue simplesmente "mudar de escola", como acontece em casos de *bullying* escolar, pois a informação na rede continua a perseguindo.

Recentemente, a revista eletrônica Fantástico produziu uma reportagem²³ onde entrevistava Trolls ou *Haters* (terminologia mais usada aqui no Brasil) da internet e tentava explicar as causas desse comportamento problemático. Para a surpresa dos jornalistas, eram pessoas normais, que simplesmente sentiam prazer em usar o anonimato para "expor suas opiniões". O psicólogo Yuri Busin, que analisou os participantes da reportagem, atribuiu o comportamento ao pico de adrenalina: "Quando a gente vai e expressa nossa raiva escrevendo ou falando ou brigando, a gente tem um pico de adrenalina, e adrenalina é igual a prazer. A gente tem um sentimento de prazer". Ele também comenta que responder esse troll, ou visivelmente

²² Estudo disponível em: <https://www.migalhas.com.br/arquivos/2020/8/CC964ED851FE18Ainfluenciadasredessociaisnosc.pdf>

²³ Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/09/05/haters-o-exercito-invisivel-que-dissemina-odio-na-internet-e-nao-poupa-ninguem-de-seus-ataques.ghtml>

se importar com o que ele fala, também é um erro, pois passa ao mesmo uma sensação de poder.

Abreviando algumas características que nos fizeram propor a relação de semelhança entre Czernobog e os Trolls:

- Assim como Czernobog tem apenas "uma metade", voltada a guerra, morte e destruição. Os Trolls também têm só um lado, causar desconforto. Seja ele em proporções menores, como atrapalhar os comentários de uma LIVE postando emojis repetidamente, seja nos casos mais graves usando do anonimato para atingir indivíduos.
- Aparentemente, nenhum dos dois tem qualquer tipo de arrependimento por seus atos.
- Assim como o deus da destruição é isento de responsabilidade, pois essa é sua função, o poder do anonimato desfrutado pelo troll tem o mesmo efeito, na grande maioria dos casos.
- Assim como a sociedade antiga aceitava o seu deus da destruição, a nova sociedade também parece compreender a existência dos trolls sem grandes esforços (ao menos em casos que não considerados gravíssimos) para detê-los.

Czernobog é associado aos Trolls pela característica particular da destruição, portanto as associações que realizamos são por semelhanças. O primeiro é o Deus da Destruição e os Trolls provocam a destruição pelos significados que produzem.

Imagem 12- O equilíbrio representado por Czernobog e o irmão Belobog, na mitologia Eslava



Fonte: Site Ocultismo

Imagem 13- Czernobog nas histórias em quadrinhos da Marvel



Fonte: Site Marvel Database Fandom

2.7 Anansi e o Whatsapp

O Sr. Nancy, que será revelado no livro como o deus africano Anansi, é um dos primeiros deuses que Shadow conhece depois de Odin. Também é um dos personagens centrais da narrativa, ele foi tão bem recebido pelos leitores que Neil.

Gaiman acabou escrevendo um livro só para ele, intitulado *Os Filhos de Anansi* em 2006. Em *Deuses Americanos*, Sr. Nancy é um deus trapaceiro, cínico e sarcástico que vive na Flórida. Ele confessa ao protagonista que se mantém forte e continua sendo adorado porque ainda contam muitas histórias sobre suas aventuras, mas que na verdade, ele roubou essas histórias de outros deuses que foram ficando pelo caminho.

"Ele olhava para o senhor Nancy, um velho negro com um bigodinho que parecia ter sido desenhado a lápis, com sua jaqueta esporte xadrez e suas luvas amarelo-limão, montado em um leão de carrossel que subia e descia, ia alto no céu. E, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, ele via uma aranha encravada de pedras preciosas tão alta quanto um cavalo, seus olhos pareciam uma nebulosa de esmeraldas, e ela andava toda empertigada, olhando diretamente para ele. Via também um homem bastante alto com pele amarelada e três pares de braços, usando um cocar repleto de penas de avestruz, com o rosto pintado com listras vermelhas, montado sobre um leão dourado irritado, com duas de suas seis mãos segurando firmemente na juba do animal. Havia também um menininho negro, vestido em farrapos, com o pé esquerdo todo inchado e se arrastando no meio de moscas pretas. Por último, atrás de todas essas coisas, Shadow via um aranha marrom bem pequena, escondida sob uma folha seca de cor ocre. Ele via todas essas coisas e sabia que eram iguais." (*Deuses Americanos*, pag 118)

Na literatura, Anansi ou Ananse é uma entidade metade humana, metade aranha, além de um dos deuses trapaceiros mais populares do oeste africano. Sua principal façanha foi roubar todas as histórias que estavam guardadas no céu e distribuí-las para os seres humanos. Mas não se engane, ele passou a perna em muitos seres humanos também. Ao contrário de Czernobog, cuja literatura é escassa, temos um vasto leque de histórias com essa deidade: algumas são explicações sobre a ordem do mundo e das coisas, outras têm um cunho moralizante, algumas lembram fábulas de Esopo, trazendo animais falantes e suas peripécias, outras revelam a sua esperteza. Anansi comunica-se entre humanos, deuses e animais de uma forma

única, sempre usando a "malandragem" para alcançar seus objetivos e tapear seu oponente. Anansi se configura como um deus malandro, um trapaceiro e ao mesmo tempo, ele é considerado o criador do mundo humano, pois foi a sua trapaça que trouxe as histórias, a noite e o dia para toda a humanidade. Onde será que um deus fofoqueiro caberia hoje em dia?

Whatsapp foi a nossa mídia social eleita! Presente em 180 países e com mais de 2 bilhões de usuários o aplicativo é, segundo dados de 2021 da Pew Research Center, o aplicativo de mensagens mais popular do mundo. Assim, é possível fazer uma associação clara com um dos primeiros grandes feitos do deus Anansi, distribuir as histórias para os humanos. Porém, não podemos esquecer o lado mentiroso, característico dessa deidade.

Recentemente o Whatsapp foi apontado como a principal ferramenta de disseminação da fakenews sobre Covid-19 no Brasil, sendo responsável, segundo Pesquisa desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz²⁴, por 73,7% das notícias falsas que circularam sobre o assunto. Na publicação "A Semiotica das Fakenews" Santaella já apontava a influência do Whatsapp na disseminação de notícias falsas antes da eleição que elegeu Donald Trump em 2016:

A expressão Fake News e, junto com ela, Pós-Verdade entraram na cena da cultura e da política a partir de 2016 quando o mundo se viu estarrecido com a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos e com a ascensão do Brexit na Inglaterra, dois fatos que provocaram incredulidade porque muito surpreendentes. O que poderia estar por trás disso? A culpa foi imediatamente colocada no poder das redes sociais para disseminar informações falsas. A incredulidade retornou em solo brasileiro, nas eleições de 2018, com a vitória de Bolsonaro capaz de colocar o sonho petista em estado de perplexidade. Ora, não é segredo que tanto Trump quanto Bolsonaro e seus seguidores, por imitação e servidão voluntária àqueles que tomam como seus mestres e senhores, são fortes adeptos das redes sociais, especialmente do Twitter e do WhatsApp, redes de compartilhamento mais breves e velozes. Ficaria aqui a pergunta sobre um menor protagonismo do Facebook, mas essa é uma outra história que fica para uma outra vez (SANTAELLA, 2020).

A autora ainda fará alusão aos métodos da Tenacidade, exemplificado nos estudos de fixação da crença de Peirce, ressaltando que vivemos em bolhas, que podem ser ideológicas, de crenças e de convicções e essas bolhas são alimentadas

²⁴Whatsapp é a principal rede de disseminação de fake News. Disponível em: <https://agencia.brasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/whatsapp-e-principal-rede-de-disseminacao-de-fake-news-sobre-covid-19>

por semelhantes que dividem da nossa visão de mundo. O diretor da Associação Brasileira de Psiquiatria, Claudio Martins, em entrevista para a BBC News²⁵, define a crença em fake news como um fenômeno sociocultural que envolve diversos fatores de alta complexidade.

Quando a pessoa recebe uma notícia que a agrada, são estimulados os mecanismos de recompensa imediata do cérebro e dão uma sensação de prazer instantâneo, assim como as drogas. Ocorre uma descarga emocional e gera uma satisfação imediata. Isso impulsiona a pessoa a transmitir compulsivamente a mesma informação para que seu círculo de amizades sinta o mesmo. Por isso, há os encaminhadores compulsivos.

O psiquiatra explica ainda que esse movimento causa uma angústia que leva a pessoa a imaginar que é portadora de uma novidade que deve ser contada com extrema urgência. O sentimento, explica ele, é o mesmo quando alguém ouve uma fofoca. Acredito que podemos concordar que um deus que "roubou" as histórias do céu e espalhou para os humanos, pode ser considerado um pouco fofoqueiro, correto?

Tem outro ponto bem semelhante entre os dois: os golpes! Em suas lendas, Anansi constantemente trapaceia ou engana outros deuses e animais. A história mais famosa é de como ele enganou os deuses para trazer as histórias para os homens, mas frequentemente ele enganar os homens também. Na história "Confidências de esteira", ele "dá o golpe" duas vezes: encontra uma maneira inteligente de conquistar a mão da filha de um rei ao trapacear na prova dos pretendentes e, depois, já casado com a princesa, a engana para que ela não revele seu stratagema. Existe versão 2.0 melhores do que os golpes de Whatsapp, constantemente divulgados em rede nacional? Idosos transferindo a aposentadoria para agências imaginárias, pais achando que seus filhos foram sequestrados após ligações falsas, pessoas que tiveram um *fake* pedindo dinheiro para os familiares, se passando por elas. O assunto é tão comum, que o site Techtudo até criou uma matéria intitulada "5 golpes no Whatsapp para ficar de olho em 2021"²⁶.

Abreviando algumas características que nos fizeram propor a relação de semelhança entre Anansi e o Whatsapp:

²⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45767478>

²⁶ Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/01/cinco-golpes-no-whatsapp-para-ficar-de-olho-em-2021.ghtml>.

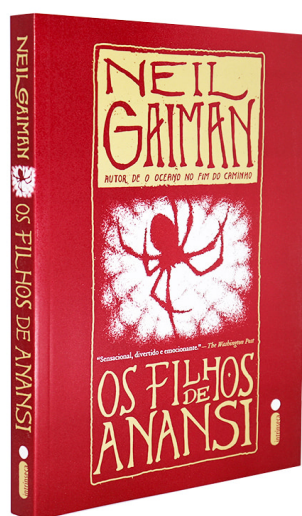
- Ambos são incríveis canais para disseminar histórias e notícias, boas ou más.
- Apesar de sua essência "boa", um deus que ajuda as pessoas e uma ferramenta que facilita a comunicação global, ambos são frequentemente apontados como disseminadores de mentiras.
- Podemos considerar ambos como golpistas natos.

Imagem 14- Anansi representado em um livro infantil



Fonte: Site Africa Kitoko

Imagem 15: livro complementar à saga Deuses Americanos de Neil Gaiman:



Fonte: Saga Deuses Americanos

CAPÍTULO 3: O FIM?

3.1 Método da pesquisa

Este estudo pode ser nominado como uma experiência de "devir-investigativo sócio-bibliográfico", já que toma o livro como ponto de partida e a sociedade de consumo como o cenário líquido, onde as deidades do passado criam as subjetividades/virtualidades necessárias para os leitores/usuários do presente.

Segundo Santaella (1983, p. 53-54), Peirce “leva a noção de signo tão longe a ponto de que um signo não tenha necessariamente de ser uma representação mental, mas pode ser uma ação ou experiência, ou mesmo uma mera qualidade de impressão”, desse modo, ele acenou para a complexidade que um signo pode circunscrever. Entendemos que Deleuze e Guattari (1992) concordam com Peirce ao definirem que,

Arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. A arte desfaz a tríplice organização das percepções, afecções e opiniões, que substitui por um monumento composto de perceptos, de afectos e de blocos de sensações que fazem as vezes de linguagem (grifo nosso, DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 208).

Como tomamos com ponto de partida para este estudo, uma narrativa, e no entendimento deleuziano de que, nada é tudo se torna, ou seja, há um devir em tudo, vale situar o nosso devir-investigativo enquanto resultante de nossos perceptos, afectos e blocos de sensações. Mesmo que saibamos que:

[...] o artista, entre eles o romancista, **excede os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido**. É um vidente, alguém que se torna. Como contaria ele o que lhe aconteceu, ou o que imagina, já que é uma sombra? Ele viu na vida algo muito grande, demasiado intolerável também, e a luta da vida com o que a ameaça, de modo que o pedaço da natureza que ele percebe, ou os bairros da cidade, e seus personagens, acedem a uma visão que compõe, através deles, perceptos dessa vida, deste momento, fazendo estourar as percepções vividas numa espécie de cubismo, de simultantismo, de luz crua ou de crepúsculo, de púrpura ou de azul, que não têm mais outro objeto nem sujeito senão eles mesmos (grifo nosso, DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 202).

Inferir algo por semelhança e não por evidência de uma narrativa, desse modo, não fere nem o projeto do autor, nem o objeto que construímos a partir dos cubos que reorganizamos em busca do entendimento, da construção de uma totalidade, mesmo que pessoal, singular, e improvável de ser de todo aceita enquanto “Ciência”.

O que desejamos criar-verificar-ilustrar, a partir da relação **deidades X redes sociais**, é uma imagem que relacione os protagonistas do livro “**Deuses Americanos**” e os usuários do ciberespaço (que é o lugar do Divino 2.0 e o próprio Divino). Enfim, os templos contemporâneos, que diante das exigências deste tempo espaço líquido, impactam menos pelos rituais que animam os seguidores, e mais pelos espetáculos, pelas barbáries que projetam, citamos: banimentos, eliminação de inimigos ou contatos indesejados, punições públicas a desafetos, condenação a mortes virtuais, etc.

3.2 Considerações finais

Com base nas inferências abdutiva, indutiva e dedutiva nessa dissertação, consideramos que as deidades do passado, bem como seus respectivos rituais e comportamentos, podem ser encontradas, em alguma esfera no ambiente digital. Pode-se dizer então que ao invés de desaparecerem, comportamentos e crenças antigas se ressignificam, readaptando-se aos seus novos seguidores. Essa ressignificação ocorre em um ambiente de constante mudança, mas os elementos base podem ser encontrados com certa facilidade.

Além disso, levando em consideração o cenário atípico em que as deidades do passado estão sendo reacomodadas na vida real e na ficção, em meio a um devir-consumidor que defende a todos do devir-excedente, pode-se pensar, sim, nas redes sociais com sendo os templos abertos do passado. Dado ao acesso democrático dos usuários, ou dos pagãos a elas, pode-se dizer que o sagrado deste século, o Divino 2.0, veio para ficar, em meio a descrenças em instituições religiosas que, historicamente, têm dado tapas e escondido as mãos fartas de “moedinhas”. Se por um lado, não dá para confiar no humor de deuses bárbaros, por outro, nesse mundo fluido e de ilusões, ter consciência disso é um alívio para os pagãos. Nesse sentido, usuários podem se beneficiar dessa classificação, ao adentrar e criar seus perfis em novas mídias, ponderando o tipo de comportamento que pode ser esperado no ambiente.

3.3 O mural dos deuses e redes

Para o leitor que deseja interagir de forma mais ativa com as deidades, redes sociais, notícias, livros e lendas apresentadas nessa dissertação, deixo o link do nosso mural interativo do Divino 2.0, online assim como nossas deidades ressignificadas: https://miro.com/app/board/o9J_l92Su7o=

Referências bibliográficas

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 366 p.
- BAUMAN, Zygmunt . **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 272 p.
- _____. **Sociedade de Consumo**: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 199 p.
- BORDIGNON, Cristina.; BONAMIGO, Irme. S. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Pesquisa e práticas psicossociais**, v.12, n. 2, p. 310-326, abr./jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200006. Acesso em: 09 de set. 2020.
- CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Colaboração de André Barbault et al. Coordenação Carlos Sussekund. Trad. de Vera da Costa e Silva. et al. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006. 996 p.
- CHEONG, Pauline. H, *et al.* Digital Religion, Social Media and Culture. **Perspectives, Practices and Futures**. New York: Peter Lang Publishing Group, 2012. p. 326. Disponível em: <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:uma:diva-58045>>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- CORDOVIL, Daniela. Paganismos, religião e atuação pública: uma comparação de discursos e práticas neopagãs no Brasil e em Portugal. **Revista Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 203 – 219. 2020.
- CRUZ, Maria. S. C. Redes Sociais Virtuais: percepção, finalidade e a influência no comportamento dos acadêmicos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3 / mar. /2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/7681/6660>. Acesso em: 04 de set. 2020.
- DELEUZE, Gilles. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, Gilles Deleuze; Felix Guattari; tradução de Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 54, 1997. 176 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mille Plateaux**. Paris: Minuit, 1980.
- GAIMAN, Neil. **Deuses americanos**: edição preferida do autor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. 576 p.
- GARCIA-ROZA, Luiz. A. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 240 p.
- GASSENFERTH, Amanda. **O simulacro de Asgard: uma análise sobre o fenômeno cultural dos youtubers e o romance Deuses Americanos de Neil Gaiman**. 2017. 98 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: <https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1533143/AmandaGassenferth.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

JUNG, Carl. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Jung [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 469 p.

LAURENTIZ, P. **A holarquia do pensamento artístico**. São Paulo: Editora UNICAMP, 1991.

SOUZA, Gabriela. *et al.* A relação das mídias sociais na construção da autoimagem na contemporaneidade. **Akrópolis**, Umuarama, v. 25, n. 2, p. 117-128. jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/6426/3685>. Acesso em: 03 de out. 2020.

SOUZA, Karlla; CUNHA, Mônica. X. C. Impacto do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, Mato Grosso do Sul, v. 3, n. 3, dez./ 2019. Disponível em: <https://educacao.epsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/156>. Acesso em: 07 de out.2020.

LANGER, Johnni . Uma historiografia dos estudos brasileiros de Religião Nórdica Medieval. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 14, n. 43, p. 909- 936, set. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2016v14n43p909>. Acesso em: 05 de out.de 2020.

_____. **Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015. 581p.

MARIN, Hebe. T. **A sacralização da ciência em deuses americanos, de Neil Gaiman**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade do Estado de São Paulo, Araraquara, 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/141511/marin_ht_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 20 mar. 2020.

MELO, Luiza. M. F. B. **Fissuras cotidianas: o entrelugar da experiência, do mito e do espaço em Deuses americanos, de Neil Gaiman**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30012>. Acesso em: 07 de jan. 2021.

PEIRCE, Charles. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000. 352 p.

_____. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. A fixação da crença. In: PEIRCE, Charles Sanders (1877). **Ilustração da Lógica da Ciência**. São Paulo: Ideias e Letras: 2008. p.34-58.

_____. Collected Papers. Vols. 1-6, ed.Hartshorne, Charles and Paul Weiss; vols. 7-8, ed. Burks, Athur W. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1931-58.(1877).

_____. Nê TH W. Panorama da Semiótica. De Platão e Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 80p.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004. 172 p.

_____. **Comunicação e pesquisa**: Projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001. p. 42.

_____. **A teoria geral dos signos**: Como as linguagens significam as coisas. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual e verbal: aplicação na hipermídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. **Assinatura da Coisa – Peirce e a Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é literatura?** São Paulo: Ática, 1989. 116 p.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. São Paulo: UNESP, 2004. 264 p.

TANIGUCHI, André. K. A sociedade pós-moderna em Deuses Americanos, de Neil Gaiman. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**. Cadernos de pós-graduação em letras, São Paulo, v.19, n. 3, 2019. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/12699>. Acesso em: 08 mar. 2020.

VERMELHO, Sônia. C. Refletindo sobre as redes sociais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35 n. 126, p. 179- 196, mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/4JR3vpJqsZLSgCZGVr88rYf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 de out. 2020.

VIEIRA, Jorge. A.; Santaella, Lucia. **Metaciência como guia de pesquisa**. São Paulo: Editora Mérito, 2008.